

JORNAL DE 2^a FEIRA

JUNDIAÍ, 11 A 17 DE AGOSTO DE 1975 — N.º 6

PREÇO DESTE EXEMPLAR

CR. \$ 2.00

A PAGAR

\$170.000.000,00

Em 72 horas, ficamos
Cr\$170 milhões
mais endividados.

(PÁGINAS 6 E 7)

Sandro & Eneida
& Gustavo
& Marineuza
& Lucas.

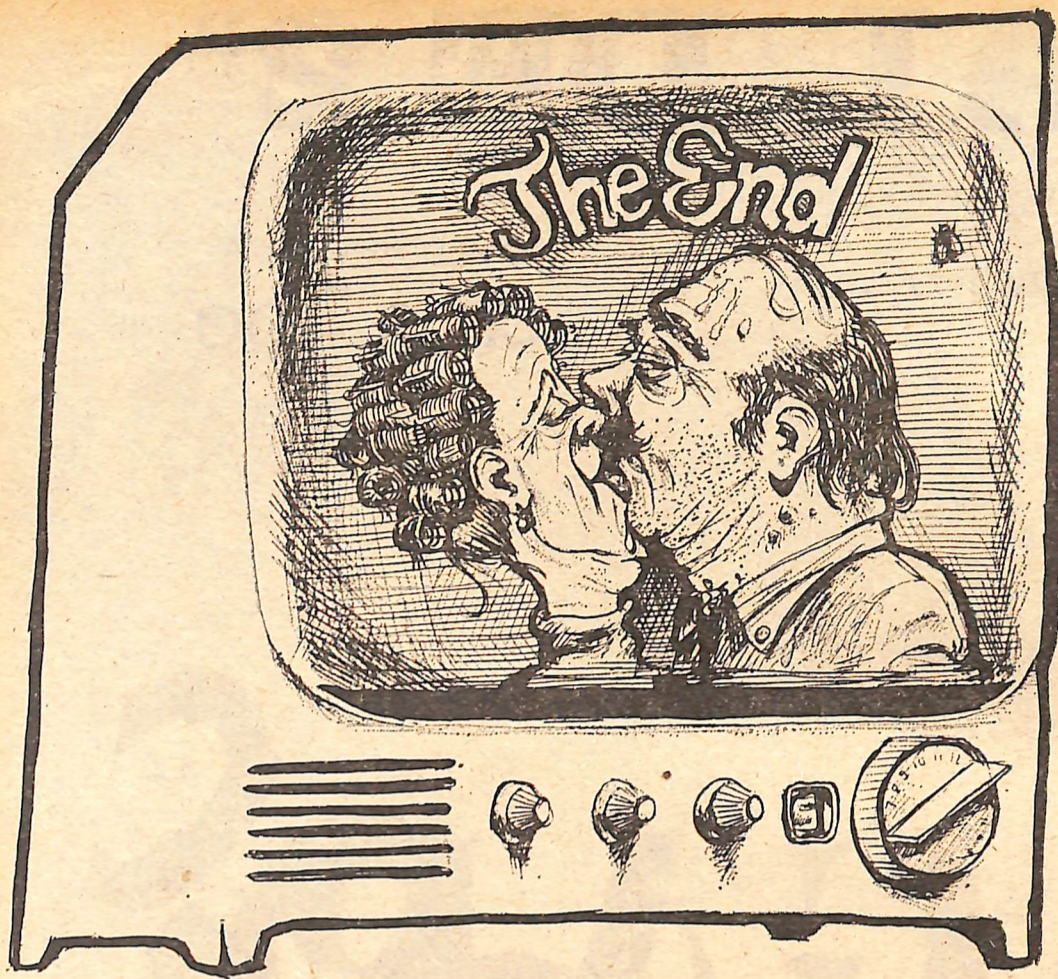
(PÁGINA 5)

A. Fernandes reinventa
a carona

(PÁGINA 9)

Beto Cecchi, depois
da novalgina.

(PÁGINA 12)



Salve o "Dia do Papai"! Salve o Roque Santeiro! Salve-se quem puder!

Meu caro, prezado, estimado, adorado, idolatrado, salve-salve filho: que bobagem me dar uma máquina de escrever, filho! Eu sei que você anda duro. Todos nós andamos duros. Diga, de quem você emprestou dinheiro pra comprar a máquina?

Não venha me dizer que o teu salário de menor, com descontos (por falar nisso, seria bom você perguntar ao teu patrão como é que pode fazer descontos no teu pagamento, se você nem é registrado? Esperai, não pergunta não, que de repente ele te manda embora e a gente ainda fica sem essa ajuda), mas, voltando ao assunto, aquele dinheirinho mixuruco não dá nem pra comprar máquina de moer carne, filho!

Já sei, a gente quase não come carne, então pra que máquina de moer carne. Não é isso, estou falando só como exemplo, entendeu?

Se você soubesse a raiva que me deu, na hora que eu vi a máquina! Pensei até em devolver. No fim, acho que valeu a tua intenção. Obrigado.

Agora, não repare eu ter que guardar a máquina em baixo da cama. É meio úmido o chão, mas onde o chão não é úmido, nesta maldita casa? Você vê, casa e máquina de escrever, é tudo a mesma coisa: na televisão aparece tudo certinho, BNH, fácil de pagar, casa-própria, igual máquina de escrever. Agora estou eu aqui, com o saco cheio de conserta aqui, conserta ali, tudo material de quinta, e o palhaço aqui pagando, pagando e sempre devendo mais do que devia. Mas isso é outra história, eu fiz, está feito.

A máquina, ela vai ter que ficar em baixo da cama, mesmo. Pelo menos lá pega menos poeira. Quando eles asfaltarem a rua, a gente tira ela de lá (se é que a gente não vai ter que vender a máquina pra pagar o asfalto, sei lá, pra gente dá tudo errado, nunca vi!)

Sabe o que ganhei da tua irmã, (tá todo mundo doido, aqui em casa)? Um terno da Ducal. Com colete, uma bairra gola larga, ela disse que está usando assim, rite pareide, ela disse. Tá usando aonde, eu pergunto? Na firma, quem está usando alguma coisa a mais é papel de jornal no peito, pra esquentar, pelo menos de manhã até o sol esquentar a gente. Já imaginou eu

chegando lá de rite pareide Carregar lata de massa com aquele palitão, aquelas calças varrendo a poeira do andaime? Só a tua irmã, mesmo. Ela disse que vai pagar um pouquinho por mês, que a patroa dela achou linda a idéia de me dar presente, que todos os filhos da patroa dela deram presentes para o patrão dela. Você acha que é a mesma coisa, nós e eles? Fale a verdade. Enfim, valeu a boa intenção.

Você e a tua irmã podem achar que eu sou ingrato, mal humorado, sem consideração. Não é nada disso. O que eu ando é pé da vida com os gastos. Você reparou o que subiu, só de um mês pra cá? O café, por exemplo: deu geada lá no Paraná e, no dia seguinte, o seo Manuel cobrou o café mais caro. Deu geada na prateleira dele? Deu? Mas já estava custando mais caro. É isso, filho, é tudo isso que azeda a gente.

Mas a maior mesmo foi o teu irmãozinho! Quase que eu meto a mão nele, coitadinho. Eu estava dormindo, sábado à tarde, no quintal, ressonando no sol, deitado ali no cimentado em frente a porta da cozinha, vem o moleque, escondido, com um preguiinho enferrujado na mão e, se eu não acordo (você sabe como eu tenho sono leve, principalmente porque não estou acostumado a dormir de dia, mas era sábado, eu tinha aperitivado um pouquinho a mais, comi feito um condenado — tinha carne seca com cebola, eu sou maluco por carne seca acebolada e já fazia tempo que aqui em casa não tinha carne seca), pois bem, se eu não acordo o diabinho tinha me furado o ouvido!

Isso mesmo, ele queria furar o meu ouvido com aquele prego enferrujado, veja você!

E sabe pra que? Sabe?

Pra me dar um aparelhinho daqueles que a moça enfia no velho que está morto e o velho abraça o neto dele, me escapa agora o nome do tal aparelhinho. Mas não importa, já passou.

Agora, que vocês me encheram de presentes, acho que o negócio é vender a televisão. Senão eu ainda vou acabar me achando parecido com o Tarcísio Meira e saindo dando risadinha torta pra tudo que é mulher. Podes crer, filho.

"Canto Chorado"

Pois é, minha gente:

Já na próxima semana, como aliás sempre sóe acontecer, os "minigildos" da colenda vão ser, de novo, tirados da cama para o amém que lhes impôs o cacique. Vão votar, de costas para a plateia, um projetozinho maroto que está se vestindo para a pagodeira do depois das férias.

É um monstrinho, irmão gêmeo daquele que abarrotou o casarão da praça dos Andradas. Está criando mais catorze chupetas na Jurídica da Prefeitura.

Os respectivos mamíferos, adrede indigitados, já estão bruxoleando os beijos como as piranhas, prontinhos para se agarrarem às murchas mamas da velha Petronilha.

Dizem os supracitados que, desta feita, o chefão não vai cavar bulufas.

Que o escorê será de 17 a 0, se os conspicuos comparecerem em peso.

Os pagantes do imposto não acreditam. Querem ver para crer. Sabem que o uso do cachimbo tornou a boca torta.

No fim do jogo — é o que eles dizem — o placar estará mesmo marcando 10 a 7 a favor do cujo. Isso porque amor, com... amor se paga...

E, como resultado fatal dessa jogada, a Jurídica será enriquecida com mais catorze serviços, quer dizer, servidores.

Todos os escalões da dita estarão abarrotadinhos de caras novas com cerviz lubrificada a óleo 30.

Vão ajudar os demais... contar estrelas.

Até um assessor vamos ter, a olhar p'ro secretário, a fim de quebrar a monotonia do "far niente".

Depois da Jurídica, virão outras secretarias. Uma por vez, até que fiquem todas muito bem "reestruturadinhas".

Quanto aos "ingratos" que bancaram os quinta-colunas no dia da convenção, que apertem mais um ilhoz na barrigueira. É o que merecem.

Eles ouviram muito bem o que foi dito lá na sala do "28". Fizeram-se moucos. Pois agora terão que ficar lambendo embira.

Dente por dente, olho por olho. É a lei da incom-pensação.

Sei que faço "fessarias",
Sei que crio um Frankenstein
Entupindo as secretarias

Mas é isso mesmo q'eu quero.
Legar o monstro p'ra o povo
Que me chama um lero-lero.

CARTAS

Sr. "Permita-nos parabenizar o sr. Newton César Balzan pelo feliz enfoque que teve do problema dos meninos-vigilantes na edição n.º 04 desse semanário. (...) Destarte, urge se encontre uma solução nova para corrigir a falta cometida com a adoção da presente solução". Prof. Waldemar Paulo Rosa, dr. André Benassi, dr. Randal Juliano Garcia.

Por ser a expressão da verdade, nós damos fé. E esperamos continuar merecendo tão importantes aplausos.

Sr.: (...) Em especial desejo ressaltar que percebo que nem todos os colaboradores do Jornal de 2a. conseguem acompanhar o propósito maior deste hebdomadário, que, apesar de dizer-se uma tribuna aberta ao diálogo democrático e construtivo, ainda abrdam matéria ou temas gastos, que nada ou muito pouco pesam ou podem pesar na opinião dos jundiaenses. (...) Está de parabéns o (...). Leleco.

O leitor, que se esqueceu de assinar a carta,

está desafiado a comparecer à redação do J 2a para assinar alguns artigos sobre a nossa terrinha, assunto que ele revela magistralmente nas 4 laudas que nos enviou. Isso é democrático paca, hem Leleco? Tão democrático quanto o fato de publicarmos aqueles artigos que você, pouco democraticamente, quer banir do J 2a.

EXPEDIENTE

JORNAL DE 2a-FEIRA

Propriedade da Editora Japi Ltda.
Rua Senador Fonseca, 1.044

Redator-Chefe:

Celso Francisco de Paula

Conselho Editorial:

Antônio F. Panizza,
Araken Martinho,
Eduardo de Souza Filho,
Erazé Martinho,
Virgílio Torricelli,
Wolf Herbert Nossak

Arte e Capa:

Suzana Traidi de Souza

Ilustrações:
Ivan Martinho

Oficinas impressoras:

"Diários Associados"
Rua 7 de Abril, 230
São Paulo

Assinaturas:

Semestral Cr\$ 70,00
Anual Cr\$ 120,00

EXISTEM 14 CORES DE TAMPAS PLÁSTICAS, ARMÁRIOS DE PENDURAR E ARMÁRIOS DE EMBUTIR ASTRA. O QUE TORNA QUASE INCRÍVEL QUE AINDA EXISTAM BANHEIROS MAL DECORADOS.

ASTRA

S.A. Indústria e Comércio

Rua Colégio Florence, 59 — Tels.: 6-4650 e 4-1489

EDITORIAL

Elefante branco

(ou: visão shakespeariana
do fim do recesso legislativo)

Estremece-se toda a cordilheira. Ditosa montanha contrae-se nas dores do parto. E as quarentonas senhoras, murrarias das cer-canias, em lufa-lufa, coram.

E a história repete-se. Agora pela neta das macróbias senhoras. E a sensual rati-nha segue os passos da mãe-montanha.

Não são mais robustas matronas a vi-giar um útero nos prenúncios de contra-ções. São doutores de celestes vestimentas, com máscaras, a lhes encobrir a vergonha, que assistem a donzela em posição gine-cológica.

As mães (a verdadeira e as vizinhas) ou rezam nas capelas ou circulam pelos corre-dores. Repentinamente, tudo se aquieta. Como a esperar o desenlace. E o que se ou-ve a cortar personalidades não é um grito, não é um choro — é um guincho.

Vergonha, vergonha, a ratinha deu à luz a um elefante — elefante branco e, ainda mais, com um marajá no dorso.

E os vereadores (pais adúlteros) enco-brindo a paternidade, a esconder prendas e lenços na conjugal alcova de adversários, lagos atomísticos a armar assassina adaga em mãos pouco esclarecidas. Desdemona é a Petronilha terra, que não sucumbirá si-lente. Emílias levantar-se-ão. E o pelouri-nho, que caracterizava o poder constituído nos tempos coloniais, volta à baila. O es-cravo, agora, é o munícipe. A chibata é o imposto que há de vir. E o algoz é um edil encapuçado...

Canhamos um elefante branco com um marajá no dorso para alimentar. O significado disto? Para quem já suportou aumentos de impostos como os de 1973 (53,4%), de 1974 (de 300% a 3.000%), deste ano (mais outros %) e constatou que continuamos na mesma, ven-do surgir obras faraônicas e nenhuma res-posta para nossas reivindicações mais sin-gelas, por certo bastará a informação de que terá que abrir mão de um tevê a cores — ou o quê de maior necessidade o substi-tua em valor — para custear, nos próximos anos, o que o Sr. Chefe do Executivo dese-ja fazer com mais Cr\$ 170 milhões de em-préstimos que nossa Augusta Casa de Leis acaba de lhe permitir que faça. Sob que inspiração foram nossos bravos edis deixar seu justo repouso para aprovar o nascimen-to desse elefante branco é assunto que cabe-rá ao eleitorado conjecturar com o pensa-mento voltado para as próximas eleições.

PROVINCIALISMO

Sempre fomos useiros em tecer crí-ticas à nossa cidade e ao que ela nos oferece em termos de vivência. Assom-brados com a metrópole cultural que foi São Paulo nestes últimos 50 anos, com inveja do civismo e bairrismo de Cam-pinas, colocamo-nos jocosamente como a cidade que ficou no entrepasso criati-vo de Deus, que, com um pé em São Paulo e outro em Campinas, deixou pou-ca coisa elogiável para nós outros no meio do caminho.

Se, porém, de um lado tínhamos há-bitos e maneiras de pensar provincianos, medidos nas ações de indivíduos pouco evoluídos, representantes de uma cultu-ra estática, tínhamos reconhecidamente uma população hospitaleira, respeitadora da honestidade de seus membros e uma cidade agradável geograficamente para nela se viver, protegida pela Serra do Japi, com uma fruticultura reconhecida inicialmente pela uva que nos empresta a alcunha, além dos pêssegos, morangos etc., consumidos em todo o País.

Bem ou mal, crescíamos sob contro-le, víamos, passo a passo, aumentar o nosso parque industrial; absorvíamos, co-mo cidadãos, os operários advindos des-se crescimento; dávamos chances de atuação na vida comunitária aos diri-gentes industriais aqui chegados.

Começamos a distinguir, dentro da própria comunidade, os cidadãos que a ela deveriam prestar serviço, para con-tinuarmos a crescer sob controle, incen-tivando um progresso global o mais jus-to possível, tentando corrigir as distor-ções naturais da economia liberal.

Mas ninguém é provinciano impune-mente. Também comum à estrutura es-tática de província é a lentidão com que absorve novas culturas, novas modas, novas filosofias. Tudo chega com atraso, quando já não mais up-to-date, ultrapas-sado, criticado e às vezes até conde-nado.

Um dia nós cidadãos resolvemos, de comum acordo, mudar nossa fisionomia. Só nos faltava um Messias. Provincia-no, mas Messias. E ele chegou. Senão com atraso, pelo menos atrasado.

Primeiro se propõe a fazer, em qua-tro, as obras de quarenta anos — com planos megalômanos.

O PSD assim o fez, há quinze anos. Mas, para nós, ainda é novidade, ape-sar de sabermos o alto preço inflacio-nário que pagamos por isto, no passado.

De uma década atrás, trouxe a filo-sofia da necessidade de um governo ri-co por intermédio de política tributá-ria e fiscal. E lá vem imposto por cima.

Mas para nós ainda é filosofia admi-nistrativa elogiável, apesar de ouvirmos do próprio Governo central, há quatro anos, que pouco adiantava um governo rico e um povo pobre.

De alguns administradores públicos de anos atrás, trouxe a tese de que as obras públicas não devem ser analisadas em termos de prioridade, de austerida-de administrativa, mas sim e só de sua discutível "conveniência social". E aguenta-se concorrência, serviços de ter-ceiros e outros bichos.

Mas para nós ainda é suficiente, ape-sar da crítica dos tribunais de contas a ex-ministros que assim pensam, ainda que defendidos pelos políticos mais an-tigos da época "rouba mas faz".

Pois é, acabou chegando até nós a proposta de crescimento violento, quan-do São Paulo quer parar! De aumentar nosso parque industrial indiscriminada-mente, quando as preocupações com a poluição ambiental se tornam imperati-vas! De absorver intensamente uma enorme população migratória com a pro-messa de novos empregos, quando as es-tatísticas mostram que, sem estrutura urbana, o que aumentaremos é a morta-lidade infantil e a criminalidade!

De coisas ultrapassadas no tempo só ficou o pior; nada das posições democrá-ticas do juelinismo, nada da austerida-de do castelismo, nada do grande valor técnico das obras do ademarismo.

Portanto, provincianos até nisto. Até os defeitos, a incapacidade e os delitos nos chegam com atraso.

Araken Martinho

Uma cidade feliz

Onde ninguém entende ninguém, onde todos fa-lam e ninguém tem razão, onde um partido absolutamente majoritário enca-minha aos seus represen-tantes na Câmara um pa-recer pedido pelo partido e a Câmara sepulta o pa-recer, omitindo-se de jul-gá-lo.

O contrato do plano viário de Jundiá, depois do julgamento do Tribunal de Contas da União rela-tivo ao DNER, tornou-se uma peça extremamente perigosa, seja pelo mon-tante das importâncias pos-

tas em jogo, pelo critério adotado na concorrência e, mais ainda, pelos aditivos sub-reptícios constantes do contrato ou, mais explici-tamente, o asfaltamento.

O parecer do ministro Estelita Campos foi extre-mamente claro: "As irre-gularidades são inegáveis, refletindo a imprevisão administrativa como uma constante. Como julgador, enfrentando as irregulari-dades e a imprevisão ad-ministrativa com que se aplicam bilhões de cruzei-ros, só posso basear-me na lei para votar pela sanção

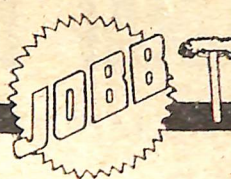
dos fratores. Como jul-gado, devo preservar, em casos como este, autorida-de que necessitarei para apreciar infrações de mui-to menor vulto."

A determinação dos Tri-bunais é muito clara. Acautelem-se os que não quiserem ouvir. Partici-pem da culpa. É respon-sabilidade da Câmara zel-ar pelo erário público e não, como Pilatos, lavar as mãos, ou como os três macacos: não vemos, não falamos e não ouvimos.

Alberto Traldi

PAU PRA TODA OBRA

ÀS VEZES VOCÊ PRECISA DE 2 METROS DE RIPA. OUTRAS VEZES SUA EMPRESA PRECISA DE UM CARREGAMENTO DE PEROBA. NOS DOIS CASOS, OU EM QUALQUER OUTRO ONDE A ENTREGA IMEDIATA E OS PREÇOS EM CONTA FOREM IMPORTANTES, PROCURE POR NÓS.

MADEIREIRA  LIMITADA

AV. ITATIBA, 440 — TEL.: 6-5152 — VILA RIO BRANCO — JUNDIAÍ

Legislativo e Executivo Municipais — I

No município, dois são os órgãos aos quais compete legislar e administrar. O Legislativo e o Executivo. O poder legislativo que enfeixava grande parte dessas atribuições perdeu quase todas quando somente lhe está reservada a função de fiscalizar, aprovar, emendar, rejeitar e pedir.

Hoje, o Legislativo não tem competência de iniciativa em matéria de projetos de lei, pois não pode o vereador apresentar proposições que criem ou alterem despesas ou que reduzam a receita, não lhe sendo lícito nem ao menos emendar ou rejeitar o orçamento.

Com a retirada de tal prerrogativa, nada ficou ao legislador municipal no campo da criação, porque não haverá, por certo, nenhum projeto de lei que não apresente despesas.

Nessas condições ficou a Câmara Municipal com a função de aprovar ou rejeitar os projetos que o Executivo encaminha, sendo certo ainda o impedimento de rejeição ou emenda à peça orçamentária. Conquanto discutível, é assim.

Tal disposição constitucional teve sua razão de ser, considerando que os legisladores municipais, na ânsia de inovar ou mesmo demagogicamente, aprovavam leis e mais leis, colocando os Executivos, muitas vezes, em condições as mais difíceis.

Mas a proibição pura e simples também colocou os Legislativos municipais em situação quase de inoperância em matéria de legislação, dando-se-lhes a palavra apenas para dizer sim ou não aos projetos dos prefeitos. E os prefeitos não têm varinha mágica, nem sabedoria suficiente, nem honestidade a toda prova, para somente encaminharem projetos de real interesse público.

Aparentemente, o prefeito é eleito para administrar e os vereadores para legislar e fiscalizar como lídimos representantes do povo.

Os fatos estão aí para demonstrar que os Executivos municipais estão enfeixando ambos os poderes — o Legislativo e o Executivo —, uma vez que projetam as leis e dão até prazo para a aprovação.

Da maneira como estão as coisas, desde que se suprimiu dos Legislativos a competência para apresentação de projetos de lei, em lugar de criticarmos a situação, havemos que procurar, nas

atribuições que restaram, se já não há o suficiente para bem representarem o povo.

E, em nossa opinião, há e muitas e bem assim importantíssimas que justificam plenamente a eleição dos vereadores, os quais se bem representarem o seu eleitorado, com vontade de trabalhar e com honestidade de propósitos, terão realmente bastante o que fazer.

São, pois, atribuições dos vereadores: aprovar, aperfeiçoar ou rejeitar projetos do Executivo (exceções do orçamento e de aumento de despesas), fiscalizar os atos do Executivo e aprovar ou rejeitar as contas municipais. Essas são as atribuições mais importantes que não só justificam a existência das Câmaras Municipais, como se lhes dá um valor tão grande que as tornam indispensáveis.

Além dessas, só resta aos vereadores a faculdade de pedir, por meio de indicações, para satisfazerem o eleitorado que desconhece que para conseguir um melhoramento para o seu bairro o vereador tem que mendigar ao prefeito e não raro comprometer seu voto futuro. O eleitor não está devidamente esclarecido quanto à função do vereador. O vereador realmente independente é o que menos consegue com o prefeito. Seria ótimo que o eleitorado se inteirasse bem dessa verdade; e que a função do vereador mais importante é a de fiscalizar a aplicação do dinheiro do contribuinte.

Já que a Câmara não pode tomar iniciativas no campo de legislação, compete-lhe estudar com carinho os projetos do prefeito, porque nem sempre estes representam medidas para o bem-estar da população, acontecendo bem amiúde que representam o bem-estar dos seus autores.

Por isso, compete à Câmara Municipal estudar os projetos, aprová-los ou não.

Neste ponto entra outro fator não menos importante, qual seja a posição partidária dos vereadores.

No entendimento de muitos prefeitos, a bancada pertencente ao seu partido político deve comportar-se servilmente, aprovando tudo que for proposto, não se aceitando oposições.

No próximo número daremos continuidade, pois o assunto é um tanto extenso.

Virgílio Torricelli

Que há com as contas da Festa da Uva?

Corre célere pelas ruas da cidade uma atoarda inquietante porque envolve mistério e o mistério aguça os espíritos até que venha a ser desvendado.

Nessa premissa vai também a afirmativa de que não é intenção nossa atingir, por caminhos ínvios, a quem quer que seja em particular.

Entretanto, não podemos fugir à nossa função de caixa de ressonância das aspirações e indagações populares,

sempre que estas impliquem diretamente os interesses da cidade.

Daí a pergunta: que há de verdadeiro no vazerio circunvagante, a respeito das contas das duas últimas Festas da Uva?

Fala-se em inquérito interno, para apurar "coisas cabeludas" que impedem a elaboração dos necessários balanços elucidatórios da receita e despesas daqueles malversados certames.

O boato é um agente de impacto na opinião popular.

E' de evidência que se não esclarecido deixará pairante a presunção de que "il li a quelque chose" que se procura encobrir.

Cumpra repetir que não é intenção destas linhas coonestar com aleives gratuitos atirados a esmo a alguém com endereço certo.

Não espicaçam, não vilipendiam, não calu-

niam nem insinuem com subjetivações, mas cutucam os poderes para que emergjam do silêncio a fim de contarem ao povo o que há, ou não há.

O chinfrim recrudescer e invade os lares em todas as camadas da população.

E a pergunta se impõe com a força cabalística de um forceps:

Que há com as contas da Festa da Uva?

OS VEREADORES
JÁ GANHAM.

VEJA QUANTO
E COMO.

O fantasma da "falta de quorum", que durante o primeiro semestre ocasionou o congestionamento de várias pautas da nossa Câmara Municipal, resultado, inúmeras vezes, na promulgação de projetos por decurso de prazo, tende agora a desaparecer. Acontece que a partir deste mês cada vereador está ganhando, em média, Cr\$ 375,00 por sessão ordinária a que se faz presente, além de uma remuneração fixa de Cr\$ 1.000,00. Pela participação em sessões extraordinárias, que serão realizadas em número mínimo de quatro por mês, cada um terá direito a mais Cr\$ 50,00, o que possibilita a todos chegar a um rendimento de Cr\$ 2.500,00 a Cr\$ 2.700,00 mensais. Com um detalhe: aquele que deixar de comparecer à sessão ou, comparando, não participar das votações, ou concorrer para a falta de "quorum", de uma ou de outra forma provocando o encerramento dos trabalhos, não vai fazer jus aos Cr\$ 375,00 da parte variável.

Essa é a nova situação dos nossos vereadores, considerando que tenham em cada mês quatro sessões ordinárias para comparecer. Haverá, logicamente, meses que assinalam cinco quartas-feiras e, portanto, igual número de sessões. Para que não seja excedido o "quantum" mensal de remuneração estabelecido por lei federal (no caso de Jundiaí, 1/4 dos vencimentos de um deputado estadual), a fórmula encontrada foi estabelecer-se um teto para a parte variável, que faz reduzir para Cr\$ 300,00 por sessão o ganho ou perda do vereador nesses meses, quando há a quinta sessão.

Os próprios vereadores aprovaram, na última quarta-feira, o projeto de decreto legislativo que fixa essas bases de remuneração. Mas já na madrugada de quinta, durante o prolongamento da sessão, pelo menos três dúvidas relevantes foram levantadas sobre o sistema de controle das faltas. Uma delas: o vereador que houver participado ativamente das votações, desde a abertura até o término do tempo normal de duração de uma sessão (das 20 às 24 horas) e deixar o plenário durante a prorrogação dos trabalhos, perderá o respectivo subsídio? Outra: se ele deixar de votar um determinado projeto, seguindo orientação do líder de sua bancada (há casos em que a obstrução é interessante para o partido), irá sofrer a mesma punição? Enfim: como o presidente (ou a Mesa) terá condições de anotar os ausentes nas votações simbólicas?



CONSTRUTORA JUNDIAÍ LTDA.

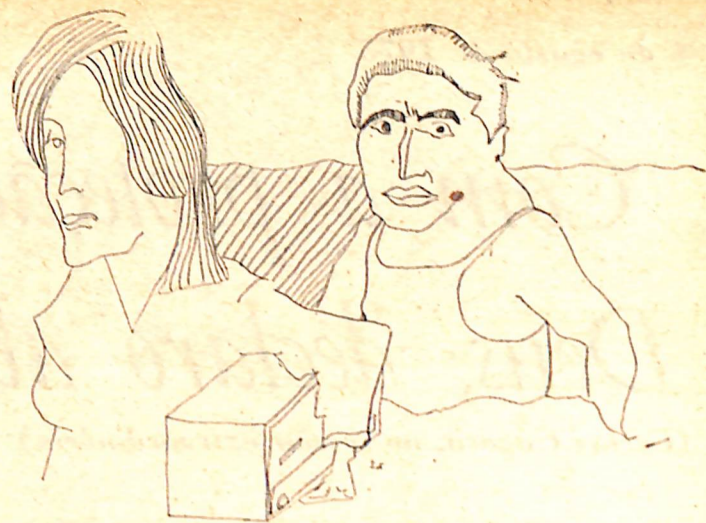
CONSTRUÇÕES INDUSTRIAIS, COMERCIAIS, RESIDENCIAIS, ESPECIAIS

Rua Siqueira de Moraes, 578 - 8.º andar, conjunto 801-C.

Telefones 6-2056 e 4-1575 (CREA 13.997)



ouro, incenso, e mirra



Querida:

Venha e traga ouro, incenso e mirra. Hoje quero subir ao cosmos. Ponha aquele vestido azul. Decore versos de Manuel Bandeira. Me traz o arco-iris. Encomendei champanha francesa, daquela que o Alberto tem na adega dele. Não demore, por favor, não demore.

Querido:

Vou correr. Preparar a "Sagração da Primavera", de Stravinsky na vitrola. Não deixe morrer aquela orquídea. Abra a porta e deixa o gato sair. Ele merece sua cota de liberdade, enquanto durar a nossa.

Querida:

Estou contando as horas, os segundos, os minutos. Enquanto isso, vou lendo Gabriel Garcia Marquez, aquele maluco de Macondo, aquela cidade onde não parava de chover, lembra? O cara é bom demais. E vou me preparando. Comprei uma lata de sardinhas do Báltico. São fantásticas. Mas por favor, apresse-se!

Querido:

E você pensa que eu também não estou ansiosa? Ontem eu vi a Marineuza na rua. Me lançou um olhar de soslaio. Quase caí fulminada. Coitadinha, o ciúme mata. Ah, mandei o Tilau dar um jeito no meu cabelo. Você vai gostar, aposto. E calma, meu bem, calma. Você sabe que as coisas mais ansiosamente esperadas são as mais difíceis. Estou me preparando para que tudo seja inesquecível. Ontem à noite saí para ver as estrelas. Depois reli Garcia Lorca e fiquei com vontade de flutuar nas nuvens. Já vou indo.

Querida:

Andei de baixo para cima hoje com o Lucas. Tive que aguentar aquela conversa mole por horas e horas. Ele me levou pra ver a arara que um primo dele trouxe de Altamira. Vê se tem cabimento. Vai pra Altamira, passa seis meses lá, e a única coisa que consegue trazer é uma arara. Também não tem

importância: dei de presente a ele um disco do Benito Di Paula. Acho que estou vingado. Amanhã, enquanto te espero, vou rever o filme de Fellini. E se você demorar muito, eu vou acabar decorando esse filme.

Querido:

Paciência. Também não é assim. Um pouco de calma. Você pensa que eu também não sofro? Ontem eu vi Escalada na televisão e fiquei com ódio do Antônio. Acho que ele devia ser um pouco menos cruel com a pobre da Cândida. E depois, coitado do filho dele, não consegue se acostumar com aquela lambisgóia da Marina. Mas voltando a gente: o que você acha do pegnóir lilás?

Querida:

Acho aquele lilás um pouco justo demais, mas não tem importância. O que me importa é você. Sabe que eu vou vender aquela lata velha e comprar um Maverick? Não aguento mais ir pra oficina todo dia. Não há dinhei-

ro que agunte. A propósito: você pediu pro Lucas preencher aquele formulário de avalista do banco? Pede pra ele se apressar um pouco, senão o dinheiro não sai até o fim do mês. Como é: você vem ou não vem?

Querido:

Estou quase pronta. Mas é que ontem tive que ficar aí esperando que a máquina de lavar roupa voltasse do concerto. Depois, ficou de vir aquele sujeito do papel de parede, mas o vigarista nem apareceu. Você recebeu o formulário preenchido? Eu ainda acho melhor você mudar de banco. Não fui com a cara daquele gerente. Mas o que importa é que em breve estaremos juntos. Não é isso que importa?

Querida:

Importa, sim. Mas hoje estou meio aporrinhado porque aquela besta do Almir me devolveu o relatório do bimestre dizendo que estava muito "atípico". Veja você que cavalgada! Atípico é o avô dele. Ah, tem hora que fico com

vontade de mandar tudo pro inferno. Só uma coisa consegue me aliviar: pensar em você. Aliás, só pensar mesmo, porque você também só promete, promete, e nada de aparecer. Você anda muito irascível. Precisa dar um jeito nesse temperamento. Seja mais calmo. Pense no nosso futuro.

Querida:

Eu penso, penso. Mas só pensar não adianta, né? Já estou cansado.

Querido:

Se você está cansado, senta.

Querida:

Não seja malcriada.

Querido:

Malcriado é você.

Querida:

Vai pro inferno.

Gustavo:

Jamais pensei que você pudesse ser tão grosseiro. Fique com a sua Marineuza. Adeus.

Eneida:

Você é uma chata insuportável. Fique com o seu Lucas. Adeus.

SANDRO VAIA.

Estradas Municipais - V

Quando leio o "Jornal de Segunda", o meu "ego", apenas alfabetizado, entorta; todos os artigos lá estão bem redondinhos e rebuscados, enquanto eu vou sempre aos tropeços com a gramática, a ortografia, tudo martelado! Eu ia escrever massetado, mas não sei se é com ç ou com dois ss, lá vai a martelada, que é com martelo mesmo. Começo escrevendo como se pensa (ah! o intelecto!) e acabo rabiscando como se fala. Então saí aquele artiguinho desengonçado, mas sem jeito! Comé que alguém pode, a contento, defender as estradas municipais escorregando até

na acentuação? Sou o homem errado no lugar certo; difícil de entender. Assim como jacaré que comprou cadeira. Mas eu tenho um recurso: Chamo a minha filha do meio, fessora de portugueses — Mé, vem me ajudá qui! Ela vem, traz o estoque de ponto, pois pontos, vírgula, travessão, parágrafo... e o lapão bem apontado e vai riscando.

— Pai, jacaré pra você não tem acento mesmo! Bom, eu tenho reparado que até as professoras descuidam pra falar. E a Mé não tem paciência de ficar esperando o artigo — e o jornal fica rezando pro artigo não ficá pronto.

Mas eu ponho os meus óculos — aquele grossão de vê letrica, viu? — e o artigo sai, mesmo de carqué jeito.

Ninguém fala "difícil" c'este l na pontinha da língua dobradinha de encontro ao céu da boca. Quaisque todo mundo fala "difícil". Se a gente garrá a falá com éle dobradinha na língua, já vão dizê que a gente é de treis faca. Prefiro ser anarfa; guardem as ofensas para os que, sendo responsáveis pelas estradas, deixam-nas abandonadas à erosão, a guaceiro correndo, pondo à mostra a guela escancarada da vossoroça devoradora.

E não escrevo assim à-toa como quem não qué nada. Tenho um objetivo. Um, não, treis. Era uma vez um objetivo — estradas e viaduto — que viraram treis — estrada, viaduto, centro social rural e seguro contra o granizo. Conte nos dedos: são quatro.

Vi dizê que com a ajudinha (ajudona!) do Dr. Delegado, o assunto já se mexeu. Se a orde agora é "mexa-se!", é melhor andá de belinha. Pó dexá. Inda onte eu tava ouvindo o deléga conversando; pra não complicá ninguém, vamo dizê que ele tava falando sozinho. Peguei a conversa assim meio

no fim. Ele tava dizendo:

— ...íbis é uma ave pernalta, da ordem dos Biconiformes... Alguém — não sei quem — retrucou:

— ...qué dizê, bom de bico...

E o doutor continuando a explicação, como quem não ouviu nada:

— ...íbis brancos eram sagrados, intocáveis no Egito...

E o interlocutor, chato:

— ...deve ter emigrado algum pr'estas bandas...

Aí não deu pé. Embatucou!

O Bartimeu

MADEIRAS EM GERAL PARA CONSTRUÇÃO E MARCENARIA

Compensados, aglomerados, fórmicas, lambris — portas, forros, pisos em madeira — pallets — caixas e etc.

Preços justos — seriedade — atenção

Consulte-nos pelos fones 4-0636, 6-7622, 6-5620, 6-7772

BIAZOTO E CIA. LTDA.

Av. Marginal da Anhanguera, 276 (Bairro do Retiro) — Jundiaí



Jundiá,

4 de agosto de 1975

"Com a proteção de Deus, declaro aberta a sessão"

(Carlos Ungaro, na sessão extraordinária)

A aprovação para os empréstimos de 70 e 100 milhões de cruzeiros eram "favas contadas" para o prefeito já na sexta-feira, dia 1.º de agosto, quando os respectivos projetos foram enviados à Câmara junto com outro que deixava aberto o crédito especial necessário ao pagamento dos subsídios aos vereadores durante este novo período legislativo. A mensagem que acompanhava esses projetos, solicitando que uma sessão extraordinária fosse convocada para daí 72 horas, ou seja, para a noite de segunda-feira (48 horas após a publicação do edital), por si só evidenciava a certeza do alcaide de que seria mais uma vez atendido em suas pretensões. Ainda que para a aprovação do primeiro empréstimo se fizessem precisos 12 votos e só contas-se com a fidelidade de 11 vereadores pertencentes a seu partido.

Sequer foi necessária, na segunda-feira, a tradicional visita do coordenador político do gabinete para que o "quorum" exigido se fizesse magicamente e ficasse o Dae autorizado a se entregar aos braços da Sabesp, empresa pública constituída pelo Estado para atender a toda a problemática do saneamento básico dos Municípios. Da mesma Sabesp que há até pouco tempo se apresentava como um "bicho papão" aos olhos do sr. prefeito.

Que vantagens compensaria a um vereador o risco de perder seu man-

dato por infidelidade para com o partido? (Aguardem resposta a ser fornecida pelo tempo).

O fato é que naquela noite de segunda-feira a totalidade dos vereadores estava ainda em tempo de recesso. Nenhum dos que votaram a favor do empréstimo de Cr\$ 70 milhões foi capaz de apresentar a mais modesta justificativa para seu voto. Do lado contrário, o sempre combativo vereador Alencar só conseguiu se destacar pelo uso da tribuna (ainda que um tanto inibido), pois também estava fora de forma para discutir uma matéria de tamanha tonelagem, chegada assim na última (ou primeira?) hora.

Já na quarta-feira o quadro se modificou um pouco. Pelo menos na aparência externa. Pois seu conteúdo poderia ser facilmente adivinhado logo no início da sessão, desde que se atentasse para a tranquilidade do grupo majoritário de vereadores e para o conformismo do grupo já derrotado na segunda-feira.

Nestas duas páginas o **Jornal de 2.ª-Feira** faz o relato dessas duas sessões da Câmara Municipal, dando ao leitor o quadro dos acontecimentos que marcaram a reabertura dos trabalhos legislativos neste ano de 1975.

A nossa Câmara no barato dos bilhões

Fizeram com que eu chegasse um pouco mais tarde, lá na sessão da Câmara, mas não sem razão: o jantar atrasou um pouco. E nos prolongamos à mesa, discutindo sempre as mesmas coisas, família, hábitos comuns, um pouco do trivial ali servido, as poucas prioridades.

Talvez devesse me demorar um pouco mais. Já entrando no recinto, estava a sessão interrompida. No plenário está somente o sr. Geraldo Dias, sentado em seu posto, lendo. O resto vazio, mantinha um certo compasso de espera. Ia-se julgar, à pedido do Executivo, um crédito adicional da ordem de Cr\$ 70.000.000,00 (setenta milhões de cruzeiros). E isto é bom que se explique logo: pode comprar dois mil e oitocentos Volkswagens que custe Cr\$ 25.000,00 (vinte e cinco mil cruzeiros) cada um. Quantos você tem aí em casa? Um, fração de um? Pois que seja, você comprou financiado, trinta e seis meses? Vai custar muito mais esse um (ou seja, esta fração desse um). Da mesma forma, esse empréstimo também. Ou estes Volkswagens também. Os imagine um atrás do outro: perfazem um trajeto de 98 quilômetros, à medida de 3,5m lineares cada um. Então, estava sendo votada a exata medida de 98 quilômetros de Volks nesta noite, segunda-feira, dia 4 de agosto de 1975.

A sessão marcada para as oito horas, havia sido adiada por uma hora. Até aí, nada de mais. Os edis haviam sido convocados no sábado, dia 1.º de agosto, para refazerem presentes a essa sessão extraordinária (e como!) já na segunda, com o domingo livre para estudos um projeto de quatro folhas datilografadas, de n.º 2969, outro de duas folhas, de n.º 2970, no valor de Cr\$ 100.000.000,00 (cem milhões de cruzeiros). Bom, esse cálculo pode ser feito com base no anterior e pode ser usado o Chevette, só para dar mais sabor de aventura ao pensamento. E um terceiro, de n.º 2971, no valor de Cr\$ 327.280,00 (trezentos e vinte e sete mil e duzentos e oitenta cruzeiros). Este pode-se pensar em termos de milhões antigos que dá. Dá o preço de uma casa, com três dormitórios, dois banheiros, sala, cozinha, terreno de 10x25ms, na Vila Progresso. Tudo

explicado? Não ainda faltava começar a luncão. Como julgar um negócio destes? Houve tempo disponível? Quem consultou quem? É sabido que o pessoal viaja em fins de semana, o pessoal mais técnico. E os pareceres técnicos? O uso do dinheiro, estava, ou podia estar discriminado em tão exiguo texto? Dizia das finalidades, mas não do modo a ser empregado. Se não toma tempo, pelo menos toma espaço para se detalhar, mais folhas de papel para demonstrações de custo e diretrizes, tempo de entrega, discriminação das obras, esboços, qualquer coisa que se ocupasse mais para explicações.

— Qual, meu filho, tudo suscito parecendo telegrama: — "Pai, vou gastar Cr\$ 70.000.000,00 (setenta milhões de cruzeiros) neste fim de semana. Vou provocar o maior engarrafamento de tráfego da história do Volkswagen, na Anhanguera, que já houve. PT, saudações".

Nisto, lá embaixo... É bom que se explique: o povo aqui, nesta casa de leis, fica em cima para ser sempre lembrado. Como se fala desse povo.

Os edis iam entrando lá embaixo, como dizíamos. Sobre a mesa do nobre par Luiz L. Gonçalves, um livro junto com seus pertences: "TENHO PRESSA DE CRESCER" — diálogo com os adolescentes — de Maria Luiza Algini e Antonio Verdolin, Edições Paulinas, Caxias do Sul.

Talvez...

Nisto entram, 21,30 horas. Eram os senhores: Zanini, Giarola, C. Ungaro, Edmar, Hermenegildo, Luiz, Tavares, Abdoral, Bonassi, Franco, Beagin, Rivelli, Geraldo Dias, Adoniro, Ferreira, Waldir e Zillo pela ordem. O senhor C. Ungaro, presidia os trabalhos. Vestia um paletó azul, tipo blazer, camisa aberta sem gravata, com listras azuis também, verticais, portava uma bolsinha tipo "capanga", uma pasta de arquivo e era assessorado pelos senhores Edmar e Giarola, ocupando a mesa central, sob um crucifixo. Do lado as bandeiras brasileiras, paulistas e jundiáenses, desfaldadas. — "Pedimos o comparecimento dos senhores vereadores em plenário", disse o sr. C. Ungaro, e "estão abertos os trabalhos".

O sr. Luiz L. Gonçalves vai até o microfone e declara, pela Comissão de Justiça e Re-

dação, quando interpelado, que: "Nada está ilegal, nada inconstitucional. O projeto é pela legalidade". Quanto a legalidade, o projeto dos Cr\$ 70.000.000,00 (setenta milhões de cruzeiros) ganha foros legais. Não estão os nobres vereadores, nem alegres nem tristes. Os trabalhos voltam a ser interrompidos várias vezes consecutivas. Os membros daquela casa tinham vindo de um período de férias, durante

o mês de julho. Numa das interrupções é servido um lanche nas dependências do barzinho, um ponto de encontro da Câmara.

Voltam a plenário. O mais combativo é o vereador Abdoral, sempre interrompido pelo presidente da mesa que lhe lembra questões de regimento. Já está em discussão o projeto do Executivo. Poucos se manifestam. Às vezes o líder da bancada arenista apar-

teia, seguido pelo sr. Tavares. Os trabalhos vão se estendendo em adiamentos, prorrogações e interrupções. O MDB fecha questão para a votação final. Quando me apercebo estão votando. Resultado: Doze votos contra três. O sr. Rivelli tinha saído. — "Fica assim aprovado o projeto de lei n.º 2969", no momento de Cr\$ 70.000.000,00 (setenta milhões de cruzeiros, sem qualquer emoção.

Uma espécie de "coma e emagrece"

Sentado no anfiteatro da construção até certo ponto aparatosa (1) da Câmara Municipal, "mirando la luna me puse a pensar": faz 20 anos que não assisto a uma sessão! Ou 16, sei lá, uma pá de tempo.

O prédio era outro, a galera era outra, os homens na arena eram outros, exceto o Hermenegildo Martinelli ("Aprovo"), esse era o mesmo.

Os tropeços vernaculares dos novos homens, desde o presidente, me trouxeram à lembrança os, digamos assim, pernósticos Miro Figueiredo, do lado de lá, e Maninho Ribeiro, do lado de cá, cada um à sua vez interpellando o Mário Damásio, o Adamastor Fernandes, o Pedro Raimundo pela menor falseta linguística cometida (eles só cometiam essas falsetas): "O nobre vereador talvez queira dizer..."

Eram os vereadores do Centro, nem sempre unidos nos seus propósitos políticos, versus os vereadores das periferias, muitas vezes em tribunas adversárias, mas sempre com a bandeira de uma classe, eram os representantes de tendências diversas praticando um exercício que levou nações como os Estados Unidos, a Inglaterra, a Itália, a França, a Suécia, ao aperfeiçoamento de uma instituição chamada "parlamento", "assembleia" ou que outro nome se lhe dê: o lugar onde se debate (2) a coisa pública, que será pelos contadores legislada.

Devidamente credenciado pelo "O Jundiáense", sentado na galeria, eu mensalmente ensaiava resposta a apartes, ensaiava apartes, ensaiava encaminhamento de votações, quase esquecendo da minha missão de cobrir (3) a Câmara, imaginando-me um representante do povo da minha terra.

Mas, intimamente, sabendo que aquela era uma tarefa para gente mais responsável (4) que eu.

Pela quarta vez o presidente soa a campanha, suspendendo a sessão a pedido de um xará da Comissão de Orçamento e Despesa. O som me traz de volta à nova Câmara. E eu penso: se eles vão mesmo aprovar esses 70 bilhões (Cr\$ 70.000.000,00), pra que brincar de estudar pareceres. Ou, se estão mesmo estudando, será que mais 45 minutos, entremeados de frangulinhos fritos, croquetes e refrigerantes, será que esses minutos farão aqueles homens entenderem direito quanto vão representar 70 bi, mais juros, mais cor-

reção monetária, mais não sei quantos anos de prazo, quanto tudo isso vai custar ao povo?

Soa a campanha, novos errinhos de concordância e está reaberto o trabalho (5). Heróica e ingloriamente, o líder da oposição mete a ronca no projeto, achando que é hora de um "basta" aos empréstimos, o povo endividando-se, sem saber em quanto, para que o prefeito possa provar ao banco oficial que Jundiá tem uma capacidade inesgotável de se endividar para conseguir empréstimos.

"Vossa Excelência permite um aparte?". A frase feita sai num engasgo e um vereador (que acha que a gente conhece os problemas do povo fazendo visitas à Prefeitura) aparteia. Leva um esgar do líder oposicionista e se senta: fez a sua parte no jogo democrático.

Tudo discutido (6), vai ser votado o projeto.

O MDB decide "fechar a questão", quer dizer, a bancada vota contra.

Vota? Nada! Um vereador, vice-líder do partido, quebra a disciplina (7) partidária, vota a favor, só não bate palmas porque o discurso é dele mesmo (ou será que é porque o regimento interno não permite?).

E assim, faltando alguns minutos para as duas da matina, você, que dormia seu sono justo, acabava de assumir, por lei, um compromisso de pagar Cr\$ 70.000.000,00, através de um empréstimo contraído na base das dívidas que você pode contrair. Empréstimo que, para pagar, você talvez tenha que pedir água. Ao que alguém responderá: "Ora, vá ao esgoto, cidadão!"

ERAZÉ MARTINHO

- (1) Pra quem vem da fila do FGTS, qualquer coisa é aparato.
- (2) Seria o mínimo exigível. E os caras, aqui, nem tchum.
- (3) Hoje, a Câmara é quem cobre, no sentido agropecuário.
- (4) Responsabilidade em função de uma representabilidade. Eu não achei a minha.
- (5) Se é que se pode chamar de "trabalho" ir até lá, papar Cr\$ 50,00 e dizer "yes, sir".
- (6) Antes, na Prefeitura, segundo o vereador apartea.
- (7) Se é o coitado de um pedreiro que desobedece o contramestre, está frito.

Jundiá,
7 de agosto de 1975

“Os senhores serão os responsáveis pela desgraça desta terra”

(Abdoral Lins de Alencar, na sessão ordinária)

Agora a aprovação dos Cr\$ 100 milhões

“O pedido está dentro da capacidade de endividamento do município. Portanto, parecer favorável.”

São decorridos 5 minutos de quinta-feira, dia 7, quando o vereador Adoniro José Moreira dá por concluída a leitura do parecer da Comissão de Finanças e Orçamento sobre o projeto de lei n.º 2.970, pelo qual o prefeito fica autorizado a contrair novo empréstimo — desta vez de até Cr\$ 100 milhões — para a execução de obras ditas “de implantação e melhoria de sistema de drenagem, que visam ao controle de inundações no município de Jundiá”.

Antes que Adoniro iniciasse sua exposição de três minutos, o vereador José Rivelli já providenciara, mediante requerimento verbal submetido à aprovação do plenário, para que a sessão se prorrogasse por até mais duas horas, “se necessário”.

Vem, a seguir, o parecer da Comissão de Obras e Serviços Públicos, relatado pelo vereador Romeu Zanini:

“Por diversas vezes estudando este projeto, já formei o meu parecer: sendo preciso dinheiro para as obras, mas, achando que a importância é muito alta, este vereador é contrário ao projeto.”

Da COSP estão presentes os vereadores Geraldo Dias, Waldir Fernandes e Elio Zillo, que votam pela rejeição do parecer.

A matéria está preparada para ser votada quanto ao aspecto de legalidade.

O vereador Abdoral Lins de Alencar pede à presidência que a votação se faça globalmente, ou seja, todos os artigos do projeto de uma só vez. O vereador José Rivelli solicita que a tomada dos votos se faça nominalmente, ou seja, com a chamada de cada vereador para que se declare favorável ou contrário ao projeto.

Numa atitude incoerente, o presidente põe em votação o segundo pedido, após ter deferido o primeiro sem necessidade de consulta ao plenário. Então se manifestam pela não identificação nominal do voto todos os vereadores propensos a aprovar o projeto: Elio Zillo, Antonio Tavares, Luiz Lourenço Gonçalves, Waldir Fernandes, Hermenegildo Martinelli, Rolando Giarola, Edmar Correa Dias, Geraldo Dias, Adoniro José Moreira e José Silvio Bonassi. Pelo “voto a descoberto” se manifestam apenas Abdoral Lins de Alencar, Pedro Oswaldo Beagin, Joaquim Ferreira, Romeu Zanini e o autor do pedido, José Rivelli, todos contrários à aprovação do projeto já em sua primeira fase de votação.

Entrando o projeto na segunda fase de apreciação (relativa ao mérito), pede a palavra o líder da oposição. É de 40 minutos o prazo para a sua exposição.

Alencar inicia denunciando a falta de originalidade da justificativa do prefeito para o novo pedido de empréstimo. Lendo trechos dessa mensagem e daquela que o chefe do Executivo enviou à Câmara em fins de 1974 para solicitar aval legislativo para o empréstimo de Cr\$ 120 milhões, Alencar demonstra que as alegações são as mesmas, que o

dinheiro ora pretendido do Banco Nacional da Habitação se destina aos mesmos fins daquele já em parte obtido junto ao Banco do Brasil, alterando-se tão-somente as condições do ressarcimento, que agora deverá se dar no prazo de até 18 anos, com juros variando de acordo com a receita tributária “per capita” do município (no caso de Jundiá, 8% ao ano), mais correção monetária, tudo em prestações que só começarão a ser cobradas depois de três anos, ou seja, na gestão do próximo prefeito.

Para Alencar, o novo pedido de empréstimo revela uma “má intenção” do prefeito. “Se naquela época o sr. prefeito pedia Cr\$ 120 milhões para executar aquelas obras, como vai explicar à opinião pública de Jundiá, aos homens cultos desta cidade, o que fez com aquele dinheiro, quando pede agora mais Cr\$ 100 milhões para as mesmas obras?” (Veja outras de suas argumentações na matéria ao pé desta página).

O discurso do líder emedebista conclui-se com uma advertência aos membros da Casa, em caso de aprovação do novo empréstimo: “Os senhores serão responsáveis pela desgraça desta cidade a curto e a longo prazos!”

Segue-se a manifestação do líder da bancada arenista, Elio Zillo, recusando a advertência e procurando desfazer o negro quadro criado em torno do novo empréstimo. Diz, principalmente, que dos Cr\$ 120 milhões autorizados anteriormente, apenas Cr\$ 53,5 milhões foram obtidos até agora pelo Executivo, ainda assim não entregues totalmente, pois a liberação vem sendo feita parceladamente pelo Banco do Brasil. Relativamente à capacidade de Jundiá assumir a nova dívida, apresenta como argumento uma “pequena projeção” do orçamento municipal para os próximos anos, onde nossa receita dá um salto de Cr\$ 115 milhões neste ano para 165 a 170 milhões em 1976, mais um acréscimo de 25 a 40 milhões em cada ano até 1981, quando poderemos chegar a 350 milhões de cruzeiros de arrecadação.

Arrematando sua exposição, Zillo pondera que “a solicitação é de até Cr\$ 100 milhões, podendo não chegar nem aos 50”. “Eu tenho dúvidas se chegará a ultrapassar isso...”

É uma hora da madrugada quando o vereador Romeu Zanini assume a tribuna para também falar sobre o projeto. Nesse momento (como na noite de segunda para terça-feira) aparece na assistência o deputado Jayro Maltoni, sendo sua presença imediatamente acusada pelo presidente Carlos Ungaro, com convite para que tome parte dos trabalhos da sessão. Esta deferência (mais uma vez agradecida, mas recusada por Jayro) causa certo mal-estar no grupo de funcionários da Prefeitura (homens de confiança do prefeito) que espera ansioso a aprovação do projeto.

Romeu começa sua oração. Faz referência ao empréstimo concedido há sete meses e às obras em andamento do córrego do Mato. Diz que

“se está gastando muito e não se está fazendo quase nada”. Lembra que os ex-prefeitos Omair Zomignani, Pedro Fávero e Walmor Barbosa Martins deixaram obras realizadas e não precisaram de nenhum empréstimo. Aludindo a boatos surgidos na época, sobre a decência do primeiro dos governos citados, o orador provoca violentíssima manifestação do vereador Geraldo Dias: “Se eu soubesse de algum prefeito que tivesse roubado, seria o primeiro a botá-lo na cadeia!” Mas Romeu esclarece melhor: “Embora tivessem havido boatos, Omair não roubou é nada e fez o seu serviço na avenida...”

Rivelli é quem dá sequência aos debates, indo à tribuna para falar contra o projeto. Seu argumento se baseia nos sucessivos aumentos de impostos havidos durante a atual administração e nos que não de vir em decorrência do novo empréstimo. Tenta apelar para o sentimentalismo dos vereadores lembrando que inúmeras famílias “têm deixado seus filhos até sem comer para pagar esses impostos”, que se tem verificado no município o agravamento de epidemias, vitimando principalmente crianças desnutridas etc.

Em meio a essa explanação, Rivelli é apartado pelo vereador Antonio Tavares, que se diz surpreso com tal ordem de argumentos, desfavore-

áveis ao projeto, quando tinha sido ele (o orador) autor de uma emenda restringindo a aplicação do dinheiro do empréstimo a obras que visassem exclusivamente a prevenir inundações. Isto, segundo Tavares, equivalia a um compromisso de Rivelli em aprovar o empréstimo.

Entretanto, o orador sai-se facilmente do embaraço, explicando: “Como estou venho que este projeto já chegou a esta Casa aprovado é que tive a precaução de fazer esta emenda. Pois, assim, embora o projeto seja aprovado sem meu voto, a emenda faz com que a lei seja bem cumprida.”

Ainda na tribuna, Rivelli dirige a seus colegas um último apelo em favor das crianças e dos aposentados de baixos ganhos: “Se formos analisar todos esses problemas que os aumentos de impostos têm trazido, fazendo até faltar comida a essa gente pobre dos bairros.”

Encerrados os debates, o presidente põe a matéria em votação. Antes que esta se inicie, porém, o vereador Romeu Zanini pede que se chame nominalmente os vereadores. Então se estabelece uma polémica sobre a validade da deliberação tomada anteriormente pelo plenário — por 9 votos a 5 — com relação ao processo de votação. Os vereadores propensos a aprovar o projeto mantêm-se firmes na posição de que a votação deve ser sim-

bólica. Vence essa parada, porém, o bloco minoritário, pois o presidente reforma a decisão tomada antes, atendendo, agora, aos termos do regimento interno que garante a qualquer vereador o direito de requerer a votação nominal e ao presidente a faculdade de atender ao pedido independentemente de consulta ao plenário.

Ainda precedendo ao processo de votação, o líder do MDB ocupa a tribuna para lembrar aos membros de sua bancada que o partido fazia “questão fechada” (pela rejeição) também em relação a esse projeto.

E feita a chamada. Votam pela aprovação: Adoniro José Moreira, Antonio Tavares, Edmar Correa Dias, Geraldo Dias, Hermenegildo Martinelli, José Silvio Bonassi, Luiz Lourenço Gonçalves, Waldir Fernandes e Elio Zillo (este último após se ter manifestado abstinente quando da primeira leitura de seu nome). Votam pela rejeição: Abdoral Lins de Alencar, Joaquim Ferreira, José Rivelli, Pedro Oswaldo Beagin e Romeu Zanini. O vereador Giarola, descumprindo novamente as diretrizes de seu partido, abstém-se de votar. O resultado da votação é recebido com manifestações de euforia (e até com aplausos) pelo grupo de ocupantes de cargos em comissão que então começa a erguer-se de suas poltronas, esvaziando o setor reservado à assistência.

Os argumentos do líder da Oposição

O empréstimo será aplicado na construção das avenidas marginais do rio Jundiá (extensão: 3 km) e do rio Guapeva (extensão: 1 km).

O prefeito e a Gutierrez são insaciáveis! Há 8 meses, o empréstimo solicitado foi de Cr\$ 120 milhões. A mesma justificativa daquela época, as mesmas frases, as mesmas palavras, são usadas no pedido atual. Só que com um novo detalhe: a conclusão das marginais do Jundiá e Guapeva, inclusive asfalto e paisagismo é dada como necessária para impedir inundações em Jundiá. Com isso, pretende o prefeito conseguir financiamento do FIDREN, cujos fundos se destinam exclusivamente às obras de controle de inundações. Não se trata de uma mistificação?

Os financiamentos do FIDREN são para projetos que visem o controle de inundações na área urbana. Para obtê-los, é necessário comprovar a minimização de relação custo-benefício, através da análise de vantagens comparativas entre as variantes possíveis. É preciso que se conheça o projeto para o qual está sendo pedido financiamento, inclusive as análises demonstrando que esse projeto é realmente o mais econômico, dentre os possíveis planos alternativos para evitar enchentes em Jundiá.

Que não se alegue urgência, para não fornecer informações. O pedido de empréstimo tem que ser acompanhado, entre outras coisas, de: “Estudo global demonstrativo do Plano de Controle das inundações da região considerada, indicando a população beneficiada e destacando o planejamento das obras a realizar, mediante análise das vantagens comparativas entre as soluções possíveis”.

Que se dê conhecimento aos vereadores, deste Plano Global e da análise de custos-benefícios.

O BNH exige também que os serviços de água e esgotos tenham sido em concessão à empresa estadual competente. Por isso a entrega apressada à SABESP, apesar de tudo o que foi proclamado anteriormente?

Quanto aos juros que serão cobrados, dependem da receita tributária “per capita”

do Município. Em que faixa estamos situados? Qual a taxa prevista para o empréstimo? Ora juros são tanto mais altos quanto maior a receita tributária “per capita”. Não está ocorrendo um círculo vicioso? Para pagar os empréstimos, os tributos foram aumentados. Como os tributos são altos, a taxa de juros dos novos financiamentos é maior. Isso leva, sem dúvida, a tributos ainda mais pesados. Está certo isso?

É também condição do BNH que o endividamento total do Município não ultrapasse sua capacidade de pagamento, seguindo os critérios daquela entidade. Mais ainda, o Banco exige que fique resguardada a aplicação de investimento em obras públicas das futuras administrações. Que se demonstrem estas condições. Vai ser difícil, pois o que está acontecendo em Jundiá é exatamente o contrário: não satisfeita em consumir os recursos correntes, a atual administração está endividando violentamente o Município, para aplicações de caráter duvidoso, como este movimento de terra do sistema viário, cujo volume ninguém sabe, porque o engenheiro fiscal mora em Niterói, mas cujos preços todo o mundo sabe: são mais do que três vezes maiores do que os preços do DER!

Na concorrência do Sistema Viário, em janeiro de 1974, o preço dado pela Gutierrez para escavação de terra (apenas escavação, sem o transporte!) foi de Cr\$ 11,45 por metro cúbico. A Firpavi, que perdeu a concorrência, deu o preço de Cr\$ 3,00 por metro cúbico. Naquela época, o preço base do DER era de Cr\$ 2,45 por metro cúbico. Hoje considerando que os preços já foram corrigidos de cerca de 65%, a situação é a seguinte: Gutierrez — Cr\$ 19,00 m3. Firpavi — Cr\$ 5,00 m3. (que perdeu a concorrência)

Não é à toa que o dinheiro não dá. Há oito meses, foi aprovado um empréstimo de Cr\$ 120 milhões. Agora, a Câmara está dando mais Cr\$ 100 milhões. Daqui a pouco, mais será pedido, e a coisa não terá fim, pois deste jeito não dá mesmo.

Menor, um problema maior

Pedagogo formado pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, ex-estagiário residente no Instituto Modelo de Menores e trabalhando em várias obras de menores de São Paulo, **Walter Jolly** escreve este artigo especial para o **Jornal de 2.a**.

Com exceção dos casos patológicos, nenhum menor nasce ou encaminha-se naturalmente ao delito. O infrator é simples produto de uma situação bastante simples, consequência, via de regra, do pauperismo de sua família.

No caso de São Paulo e Rio, o problema do menor avoluma-se de forma a justificar manchetes de primeira página nos jornais, exatamente no momento em que esses dois grandes centros urbanos receberam um crescimento populacional, melhor dizendo, pois, desde que não exista infra-estrutura preparada para um rápido impulso populacional, esse é o termo que melhor se aplica ao caso.

Como é sabido, nos últimos 15 anos grande número de pessoas, oriundas de áreas pobres, deslocou-se para o Rio e para São Paulo. Essas pessoas de origem econômica e cultural bastante fraca buscaram nos dois grandes centros uma oportunidade de vida condigna de ser humano. Mas, se nas suas regiões de origem já estavam marginalizadas, aqui o desajuste agravou-se ainda mais. Seus descendentes sofreram ainda as circunstâncias do meio, sentindo-se, na idade da compreensão, compelidos a buscar, pelos próprios meios, suas condições de subsistência.

Estabelecido o quadro de desajuste — pai e mãe semi-analfabetos, família numerosa, dependência de baixos salários, por falta de especialização —, os adultos são facilmente conduzidos ao vício e à marginalidade.

Os pais, na maioria das vezes, não chegam sequer a tomar conhecimento dos problemas dos filhos, visto que eles já têm muito que se preocupar com os próprios problemas. E assim a criança se entregará depressa ao vício da mendicância e, paralelamente, à prática de pequenos furtos.

Cometida a primeira infração, normalmente sem que sofrá qualquer repressão, a criança se sente estimulada a continuar delinquindo até que acaba sendo retida e encaminhada às autoridades. E estas, o que farão? Ainda que se reconheça o empenho de nossas autoridades em resolver o problema aqui colocado, o fato é que ele se apresenta tão grave quanto complexo, de difícil solução.

Nas primeiras vezes que é levado ao Juizado, o menor é aconselhado e depois entregue aos pais, sendo estes advertidos. Entretanto, de novo em sua casa, o menor está outra vez às voltas com os mesmos problemas de antes, ainda acrescidos pela "marca" de haver sido conhecido e retido na prática de uma infração. Rapidamente ele será devolvido ao círculo vicioso de pequenas ocupações, vadiagem, infração, retenção e entrega aos familiares. Os anos vão passando e um dia ele já é maior de idade, é adulto, um adulto criminoso, talvez famoso.

QUE FAZER ?

Quando a criança tem caracterizada sua situação de abandono, então ela é colocada numa das obras destinadas a menores abandonados. Todayia, duvidamos do padrão de rendimento desse tipo de assistência. Essas obras, sempre com mais de 100 menores, por mais que se esforcem, deixam muito a desejar com relação aos resultados que apresen-

tam. As crianças são muitas, os problemas são variados e não é fácil constituir uma equipe capaz, abnegada, coesa, para levar um termo esse tipo de tarefa. Sabemos que educar, reeducar e encaminhar corretamente para uma sociedade exigente na qualificação de mão-de-obra para o mercado de trabalho numa área industrial não é lá tarefa das mais fáceis; embora seja uma das mais dispendiosas.

Por outro lado, há a questão de que essas obras, ainda que disponham de recursos materiais e humanos quase perfeitos, sua manutenção exige investimentos fabulosos. E de quantas obras se iria necessitar para atender a toda a população infantil carente de amparo, só no Estado de São Paulo, onde é tão grande o número de infratores-mirins? Observe-se que falamos apenas de menores infratores e que inexistente um levantamento concreto sobre o número deles.

INTERNAR, UMA SOLUÇÃO?

Discordamos totalmente que internar uma criança seja a solução para os seus problemas. Por melhor que seja a obra, em termos materiais e humanos, ele jamais substituirá satisfatoriamente a família que falta a esses menores. É muito importante para o menor poder falar no fim do dia: "Vou para minha casa" — ainda que essa casa seja modesta, mas que o receba no fim do dia. Isso, por si só, é uma motivação para a criança, pois é sobre a sua casa que ela fala, um lugar onde alguém a está esperando, um lar, enfim. Isto é que dá à criança uma motivação para a vida, para uma vida muito mais produtiva do que a rotina massacrante dos abrigos, institutos, creches ou o tipo de internato que for.

UMA PROPOSIÇÃO

Como educador, somos pelo oferecimento de uma assistência aos menores nas áreas em que o problema se apresenta mais grave, ou seja, em lugares onde a população infantil é mais carente de recursos. Somos pela constituição de obras assistenciais nos bairros paupérrimos, onde a criança possa ser recebida pela manhã e possa, no final da tarde, ser devolvida ao seu lar. Oferecendo-lhe alimentação, vestuário, cuidados médicos, orientação e, acima de tudo, iniciação profissional — o que deve ocorrer na própria obra, através de oficinas nas quais o menor aprenda produzindo — poder-se-á alcançar o objetivo colimado. Quando falamos em oficinas dentro das obras, achamos válido ressaltar que através dela uma obra pode gradativamente atingir sua auto-suficiência, deixando os investimentos da Secretaria do Bem-Estar e Promoção Social livres para novas obras em zonas e bairros necessitados.

A assistência se completaria alcançando também os familiares do menor, aos quais seriam levadas informações e orientação sobre princípios de higiene e moral, formação cívica etc.

Somente em casos excepcionais é que se deveria aceitar a internação. E quando isto ocorresse, os menores deveriam ser rapidamente preparados para o exercício de uma atividade profissional, de modo que, sendo logo encaminhados a empregos, deixem suas vagas para ou-

tros que se apresentem em sua antiga situação.

Creemos que assim os problemas iriam ganhando solução efetiva e terminaria de vez o comodismo de um sem número de mães que colocam seus filhos em internatos para poderem trabalhar, porque assim elas trabalhariam mais tranquilas, sabendo que o filho também executa algum serviço e está fora do círculo vicioso de que falamos linhas atrás. Quantas delas, por ironia, ficam cuidando dos filhos de seus patrões, enquanto seus próprios filhos elas não sabem onde estão ou o sabem num internato?

NOSSA CIDADE

O quadro que se nos apresenta aqui não se distancia muito da realidade dos grandes centros em que baseamos o estudo acima, ou sejam, Rio e São Paulo. Jundiá, que nos últimos 15 anos ganhou cerca de 85 mil habitantes a mais do que tinha, dentro de poucos anos mais estará enfrentando problemas quase tão graves quanto aos verificados naquelas duas capitais. Já é comum, nos dias de hoje, vermos pelas nossas ruas incontável número de menores mendigando, seja por iniciativa própria, seja orientado pelo pais.

Como já dissemos, o menor passa com grande rapidez da situação de mendigo a infrator. Nosso ponto de vista é que se o problema não for levado a sério desde já e submetido pelo menos a um rigoroso controle, mais tarde será quase impossível solucioná-lo. Se o acompanharmos com a adoção de medidas corretas, poderemos conseguir dominá-lo a tempo para que não assuma proporções indesejáveis para toda a população. Temos hoje muitos bairros com problemas de pauperismo e, conseqüentemente, milhares de crianças com carência de orientação e assistência.

Propomos o estudo sério e medidas concretas agora, pois se não existir planejamento e infra-estrutura adequada para se enfrentar o problema, ele inevitavelmente crescerá, vindo a se apresentar mais tarde como um insolúvel quebra-cabeça. Imaginemos que na cidade de São Paulo estas medidas tivessem sido tomadas há dez anos; quantas crianças e jovens teriam sido salvos de se tornarem bandidos, indo ocupar celas nos presídios e manchetes nos jornais que exploram o sensacionalismo? Sem falar sobre quantos poderiam ainda estar ocupando algum lugar no mundo dos vivos.

Se o problema for devidamente equacionado e criar-se condições para que os nossos menores não sejam carentes, não sejam deixados ao abandono, não se tornem infratores, então poderemos dizer que estamos preparados para um crescimento. Pois as medidas necessárias antes desse crescimento foram tomadas. Mas se continuarmos estéticos diante da questão e a população aumentando dia a dia, veremos que nosso crescimento foi uma ilusão, não passou de um inchaço.

Se assim fizermos, poderemos afirmar que desejamos, planejamos e trabalhamos pelo progresso de nossa cidade e de nosso País, pois preocuparmo-nos com a infância é plantar sementes que germinarão no futuro.

**SAUNA
MOTEL**



**RESTAURANTE
PIZZARIA
CHURRASCARIA**

O MAIOR CONJUNTO DE SERVIÇOS RODOVIÁRIOS DO PAÍS

RUMINANDO

(pensamentos)...

Você sabe qual foi o aumento de arrecadação do município nos últimos dois anos?

Dizem que até o fim de 75, entrarão nas arcas do Tesouro Municipal, mais ou menos oitenta milhões novos.

A maior parte, sem dúvida, como diz um ilustre colaborador deste hebdosegundário, graças ao CAIM (colossal aumento de impostos municipais).

Continuando a ruminar (pensamentos), acabo deduzindo que todo o dinheirinho que o povo pagou, fora do justo e do razoável, ele, povo, deixou de empregar no que realmente precisava e desejava.

Assim sendo, o nosso já pobre e reduzido comércio, deixou de receber toda a gaita que o malfadado imposto absorveu.

Nos armazéns? Só arroz, feijão e óleo de tambor.

Nas lojas? Só brim e chita.

Nos açougues? Capa de filé e moída de segunda.

Eletrodomésticos? Ora, ora...

Alfaiate? Remende os fundilhos.

Sapatos? Vá pondo meia sola.

Médicos? Bicha do INPS.

Dentista? Cera mágica Dr. Lustosa.

Carro novo? Ford de bigode.

Cinemas? Às moscas.

Mas, continuemos a ruminar (pensamentos).

Enquanto isso, o Cartório de Protestos vai lavrando tentos e os crediários passam o tempo cortando crédito.

Nunca a dívida ativa do município foi tão grande!

Qual o motivo?

Uns poucos, mais abonados, pagaram o CAIM (desculpe, companheiro!).

Outros, fizeram das tripas coração, sacrificando economias, quebrando os cofres de barro das crianças, privando-se de tudo o que uma vida decente exige, vendendo o lotinho que tinha no morro, hipotecando a casinha a custo adquirida e... pagaram.

Outros, inconformados, apelaram à Justiça.

E outros, finalmente, em considerável número, simplesmente não pagaram.

Não pagaram porque, inapelavelmente, não podem pagar.

Não tem recursos.

Daviam se equilibrando com sacrifício, para cuidar da mulher e dos filhos, mesmo antes da entrada triunfante e bombástica do Colossal.

Onde se viu caradurismo como esse, de não pagar impostos?

Se eu fosse autoridade, mandava pau no coco desses desavergonhados que não puderam dar a César o que é de César!

Que arranjem verba com os Excelentíssimos Edis e montem um patíbulo na Praça da Corja, para decapitar os maus pagadores.

E depois, pendurem as cabeças dos justicados nos postes da Monumental, como exemplo e advertência para as futuras gerações.

Não culpem o Colossal, meus amigos, porque, afinal de contas, ele está pondo caviar na boca dos mendigos.

Nunca tantos fizeram tanto por tão poucos!!!

Inconformado, decidi arranjar um belo e autêntico feixe de capim e começar a ruminar (de verdade).

O Boi

Paulista FC, de esquina em esquina

Todos os jundiaenses preocupam-se com o Paulista F. C. Esta preocupação, porém, cessa quando inexistente a procura das soluções dos problemas do clube. Parece ser apenas uma vaga curiosidade. É comum ver em todas as camadas sociais o interesse em obter informações da sua situação, dos fatos recentes, da sua atual direção, do seu estado financeiro, etc. etc.

E durante a disputa dos campeonatos, os quais o Paulista toma parte e apaixonada a cidade, qualquer resultado das partidas provoca extremados comentários. É quando a análise imparcial, ou pelo menos razoavelmente lúcida, às vezes é preterida.

ACONTECE QUE:

SE GANHA:

— Acho que desta vez montamos um grande time.

— Este ano vamos fazer bonito.

— A contratação de fulano foi a melhor coisa que fizemos.

SE PERDE:

— É o Paulista. Continua o mesmo.

— Não se pode montar um quadro em 15 dias.

— Os diretores nada entendem de futebol.

— Fulano foi mal contratado. Já é um jogador ultrapassado.

— O Paulista não tem base.

Faltam estudos a longo prazo, da necessidade do Paulista como centro dessas atenções. Aparece sempre quem ache que ele deva existir, aqueles mesmos que o mantém, apaixonadamente. Um bom estudo prolongado do assunto, talvez possa dar ao Paulista uma autonomia de vida, sem depender tanto da renda dos jogos.

É difícil ao dirigente prever ou planejar um esquema que resolva os seus problemas. O resultado é sempre imprevisível. Se a diretoria investe muito e o time não consegue bons resultados é claro que as futuras rendas ficam comprometidas. Com isto verifica-se uma diminuição de apoio do torcedor, que "esfria" e o déficit aparece como o grande fantasma. Com isto fica o clube, mesmo municiado de bons valores, a curto prazo, desprestigiado.

Se a diretoria não investir, o grande público irá apenas assistir aos jogos em que o adversário seja a atração e, portanto relega o tricolor a um plano secundário.

Terminado o campeonato, o Paulista estará outra vez sem condições de competir, em rendas e receita, com os de-

mais clubes que se sustentam à custa daqueles que se interessam realmente pelas atividades relativas a um clube de futebol profissional.

Em Jundiaí, esse interesse é bem restrito. Quando dos fracassos, e isto é quase uma rotina no tocante ao Paulista F. C., as mudanças de diretoria têm sempre um sabor de esperança. Os homens então dirigentes, a "nova" diretoria, está reduzida a três ou quatro abnegados (quase sempre os rejeitados do período anterior) empenhados na ingrata missão de não deixar "cair a peteca".

Esta situação tende a se repetir, até que, de um todo, tenha-se tomado consciência de que, ou o clube é importante para a cidade, e portanto deva-se trabalhar em função dele e consequentemente em função da cidade, ou então, buscar esse prazer em esporte amador, onde isto acontece com menor risco e menores contrafações. Em caso de afirmação da primeira hipótese, toda a cidade poderia ser condicionada a participar do empreendimento, o que levaria à uma solução definitiva. Afinal, quando o Paulista sai, e muito pela televisão, ele representa Jundiaí, onde todos nós vivemos. Naturalmente, sabemos que a cidade já foi exaustivamente procurada para esse fim, ou seja, são bastante conhecidas as campanhas de recuperação do clube. Mas sabemos também que assinar listas, comprar rifas, etc. etc., são sempre soluções a curto prazo, resolvem problemas da diretoria, mas nunca do Paulista. Este tende a continuar deficitário, continuará sem base, sem estrutura. Atualmente, o clube não conta com mil associados, ao menos. Alegam, aqueles que não fazem parte do quadro social, que o Paulista nada oferece, num sentimento misto de interesses não satisfeitos, mas traindo uma vontade imediatista de pertencer a um clube qualquer. Com isto criam um círculo vicioso de difícil solução. Não sendo sócios, o Paulista não tem receita, ou base para investir na sua sede social, (qual seria o interesse) e o clube não fazendo estes investimentos, não pode atrair associados. Portanto, queremos daqui levantar uma bandeira (tricolor, sem dúvida): que tal tentar tudo de novo? Vamos partir para os dez mil sócios? Vamos ver o espetáculo com olhos de abnegados, tristes quando perde, mas alegres quando joga? O Paulista precisa que todos (pelo menos da maioria) dêem um pouco, sempre e não às vezes, alguma coisa.

GERALDO JOSÉ

Cajamarã, por favor

Luis Carlos acabava de participar de uma convenção partidária quando, na rua Siqueira de Moraes, foi interpelado por um japonês:

— Onde fica "Cajamarã"?

Aí ele se lembrou dos tempos de esquiteiro e, em vez de ficar só na informação, resolveu praticar um ato mais nobre:

— Eu levo o senhor até o ponto. Vamos.

Um sorriso de agradecimento, e os dois foram em direção à Praça da Bandeira.

Diante do caixa da Viação Cometa, o japonês ouvia as explicações de Luis Carlos:

— Olha, infelizmente, a esta hora o senhor vai ter que pagar uma passagem até São Paulo e descer no meio do caminho. A Cometa não tem passagem intermediária.

Passagem comprada, faltava esperar o ônibus. E Luis Carlos ali, firme num papo com o japonês. Alguns minutos depois, chega o ônibus. Luis Carlos completa sua boa ação explicando ao motorista:

— Olha, este senhor vai descer em Cajamarã. Pode avisá-lo quando chegar lá?

— Posso.

Aí o japonês não aguentou. Percebendo o engano, olhou com um ar de pena para Luis Carlos e começou a rir:

— Hi, hi, hi... amigo enganado, non? Eu quero saber onde fica "Cajamarã de Pneu"...

A. Fernandes

Rua Barão de Jundiaí, 427, telefones: 6-6413 e 6-8231

Neste endereço, ou por estes telefones, você compra equipamentos, móveis de aço e madeira para escritório, máquinas de escrever, calcular e somar Olivetti, garantimos por este nome:

COMERCIAL PANIZZA LTDA.

Brasil moreno

De meses para cá, a impressão dominante, ao se ler jornais, revistas e ouvir rádios e TVs, é que abriram a caixa de Pandora, e só saíram corruptos lá de dentro, abusando do dinheiro público com desenvoltura indicativa de impunidade garantida.

O panorama é mundial — vide Watergate, para usar a palavra-chave —, mas nós, brasileiros, ou somos melhores também nisso, ou somos mais noticiados. É provável, até desejável, que sejamos — de meses para cá — mais noticiados; seguramente, notícias não permitidas outrora são agora publicadas, fazendo chegar ao público algo mais perto da realidade acontecida a — dos biombos. Até aí, tudo bem: noticiava-se, levantava-se a ponta do tapete, gritava-se que o rei está nu, e acaba-se por forçar — no bom sentido — a tomada de providências mais concretas por parte de quem deve ou de quem pode tomá-la.

Entretanto, e graças aos mesmos veículos informativos, fica-se sabendo de novas posições de autoridades que, no mínimo, abalam a fé dum franciscano! Só para lembrar algumas: o TCU julga as contas do DNER, constata irregularidades, no valor de 630 milhões de cruzeiros (novos) e multa o diretor do departamento em cinco mil cruzeiros; nos dois últimos governos

do antigo Estado do Rio, fez-se e desfez-se em termos de obras contratadas, não terminadas e agas, assessores especiais empossados, e as provas "se encontram empoeiradas"; o atual secretário dos Transportes do Estado de São Paulo, depois de declarar a necessidade de renegociar a compra dos famosos equipamentos ferroviários para a Fepasa, vem agora dizer que não era bem aquilo e acaba comprando mais coisas para não ter que gastar menos e deixar óbvia a, pelo menos, incompetência do seu antecessor.

Ora, bolas! Isso tudo é, no fim, feito com o nosso dinheiro, decidirá o nosso futuro. E a única coisa a fazer é se aliviar escrevendo (mal escrito) o nosso sentimento. Ou (se eu fosse professor de Lógica, diria e/ou), todos nós rezarmos e esperarmos o dia em que, através do voto direto, saibamos escolher melhor os homens públicos, nem desonestos, nem incompetentes. Se isso não der certo, passo pela tapera do Bartimeu e vamos, os dois, para Mato Grosso, pro meio do mato.

Ararê Martinho



O QUE VAI PELOS ARES

PERCIVAL DE SOUZA ANALISA

O EX 13, jornal semanal, está publicando na capa Fidel Castro barbeando-se com Gillette Platinum Plus. Então ele diz que o tirano de Cuba está entregando o ouro. Da mesma forma, na mesma edição, lá dentro, na página nobre do jornal, nas palavras do Percival de Souza, que é notório comentarista dos baixos astrais da margem paulistana, se estendeu por laços de amizade (Sandro-Verá, casal amigo nosso de

antanhos) e chegou até Jundiaí.

Fomos notados, finalmente. Percival publicou, na íntegra, os Diz-que-dizques referentes aos pecados editoriais ligados aos aluguéis de cavalos e charretes nas épocas das romarias à Pirapora. Finalmente, São Paulo se curva e reconhece aquela jóia de justificativa. Muito obrigado, Percival. (EDUARDO)

DESDOBRANDO AS FIBRAS DO CORAÇÃO

Se eu fosse surdo e meu filho me desse um Viennatone de presente no dia dos pais, eu dava um murro na cara dele, que era pra ele deixar de ser besta e chorar de verdade. (E.M.)

SINAL FECHADO

Lançado já há algum tempo, esse disco do Chico cantando músicas de outros compositores é ainda o mais atual e bom motivo pra se ligar a vitrola. (Picoco)

ARTÉRIAS DO PROGRESSO: UMA VISÃO ESCLEROSADA

Domingo, dia 3, a Globo levou ao ar o anunciado "especial" sobre o transporte em São Paulo.

A gente aguenta um Fantástico, na esperança de assistir, depois, a alguma coisa séria a respeito de um assunto que envolve, desde o preço da alface, até o desconto na folha de pagamento dos infelizes Fepasenses (transferidos a fórceps para a Capital).

Qual o quê! três debilídes cineastas brincam durante 50 minutos, de fazer poesia sobre trens, caminhões e aviões.

O que fala de trem põe o fracasso das ferrovias em termos de nostalgia, sem ne-

nhuma menção ao esforço das companhias de petróleo em "fomentar" o transporte rodoviário.

O autor do capítulo sobre rodovias enfatiza o fantástico fato de o Brasil ser o único país onde a rodovia é prioritária como meio de transporte e, tanto quanto a mulher entrevistada na Rodoviária — que não sabe se tem trem pra Lorena —, ele fica surpreso com a preferência nacional pela rodovia.

O cineasta aviador entrevista Tarcísio Meira, um típico trabalhador brasileiro, que sorri de canto-de-boca e diz: "Acho o serviço ótimo".

Televisão é cultura. Ameba também. (E. M.)

Dr. Petit Maspoá Pácas

AQUARIO — 21-1 a 19-2 — Atenção Departamento de Águas e Esgotos. Aqui também já subiu a conta? Ah, estão isentos. Certo, turminha de futuro está aí, aquarianos. Tudo bem, ligados. Um dia desses, vem uma contra-onda e ligam o cavalete, põem um hidrômetro... se passaram pelo Distrito Industrial, te poluem também. Mas isso tudo, trocado pelo progresso, no fim, dá certo. Desde já, conselho vidros raiban, disfarça!
PEIXES — 20-2 a 20-3 — A certas espécies, por exemplo as sardináceas (tá boa santa? sou também contra Antisardina, pô!), evitar trens da Central. Muitos pingentes. Essa mania de vocês estarem andando sempre aos bandos, já era. Lembra dos bondes, camarão? Qual é? Já em Portugal, cardumes ainda resolvem. Também, esta tua frieza, este teu ar congelado, jamais alimentas. Evite transas na orla. Ou supermercados.
ÁRIES — 21-3 a 20-4 — Escapou de este inverno? Nada te aconteceu? Não

fostes requisitado pelo "quero que você me aqueça neste inverno?" Então nunca mais. Pelo menos por aqui. Tente Curitiba, São Joaquim, Porto Alegre. Você sabe, a pé se remove montanhas. Que dizer das retroscavadeiras, D4 e outras motoniveladoras em uso na praça...

TOURO — 21-4 a 20-5 — Miúra, teu criador e mentor espiritual indica a Arena. É sempre um bom negócio. Sabe, o povo vai lá, te aplaude, você brilha. Mas, pera aí, falei em brilho? Já estão a asfaltar teu piso? Escorregas? Cáis? Perdes a calma? Mas taurus, toda glória tem seu preço. Como assim, achas que é um salto?

GÊMEOS — 21-5 a 20-6 — Quintúplinos na Venezuela. Univitelinos em Roma. Que língua a nossa. Quase me escapas ao censo... Tudo pode ainda acontecer em Jacarepaguá. A ex-

Horóscopo

plosão demográfica não pode te causar complexos. Afinal, gêmeos, mas originais, pô.

CÂNCER — 21-6 a 21-7 — Você ainda está sujeito à guincho, bombas e retaliações. Evite o médico da família, tente o Serviço de Assistência Médica Municipal. Tem mais campo.

LEAO — 22-7 a 22-8 — Fim de férias. Reinício de cativo. Polegares na horizontal. Período bom para por as barbas de molho. Tente Cica, Paoletti, sempre com bons produtos. Não mostre as unhas nem para sua manicure. Espere, tenha paciência, aliás, para cada arena, tem sempre um circo pegando fogo.

VIRGEM — 23-8 a 22-9 — Lembra da serra do Japi? Também era virgem. Hoje, meus senhores, anda tão depauperada (perdão leitores). Mas virgem mesmo só temos na Agapea-

ma, Vila Ana, Água Fria, ou seja, na periferia. Fora do alcance dos braços insinuantes da administração pública. Voltaremos ao assunto.

BALANÇA — 23-9 a 22-10 — Estas tentativas de equilibrar o orçamento ainda vão lhe causar mal-estar, socialmente falando. Você deve sofrer de peso na consciência, no mínimo. Também seu desgaste está sendo profundo, dá pra notar. Ansias no período compreendido entre o despertar dos mágicos e o farfalhar dos saíotes do teu bataclã. Em caso de dúvidas evite alguns pesos e tome outras medidas. Você sabe, o fiel nem sempre é um amigo.

ESCORPIÃO — 23-10 a 21-11 — Sempre agindo às claras, hein? Se é para ser assim, candidate-se nas próximas eleições. Dos partidos, use todos os pedaços. Mas seja tenaz, que essa cola. Por outro lado,

nada dará certo. Os astros, quando conjugados, produzem infinitos meteoritos. Faça votos para que tudo dê certo. Sortilégios no amor. Aproveite que a Lua anda cheia.

SAGITÁRIO — 22-11 a 21-12 — Incansável amigo, saudações. Segue pelo correio seu imposto! Cuidado, veja se não lhe vigiam os passos. Olhe onde anda, com quem anda. As mensagens nesta terra nem sempre tem são de fé, esperança ou amor. As vezes tem um comunicado ou uma declaração pública. Agradeça e evite opiniões precipitadas. Ou tais encargos.

CAPRICÓRNIO — 22-12 a 20-1 — As encostas da Radial Leste, ora em pleno abandono, lhe servirão para bons exercícios neste período. Por falar em exercícios, quanto tempo ainda, hein? Já fez as contas? Ah, sim, chega de contas. Mas na medida em que elas sobem, vocês de Capricórnio, acompanham? Ah, destemidos alistas, um dia...

VEJA ESTAS EXCURSÕES

BAHIA EM SOL MAIOR
Saídas todos os sábados com hotéis reservados e preço incluído, de 5 e 8 dias. O preço você precisa ver.

MANAUS EM SHOW MAIOR
Partidas todas as 6.as-feiras. 5 dias. Você apreciará partes da fabulosa floresta amazônica ao longo do Rio Negro e Solimões. O encontro das águas. A Zona Franca. Hotel incluído.

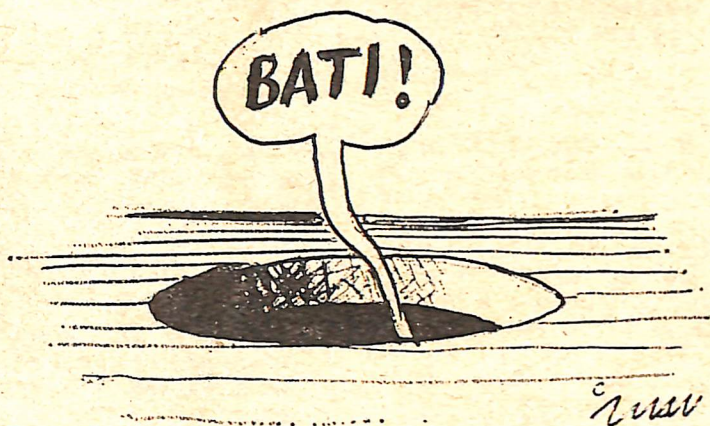
ESTADOS UNIDOS
Miami, New York, Disneyworld, Bahamas, com hotel incluído. Você vai gostar dos preços dessas excursões. Saídas a partir de 25 de agosto.

N & O

MAIS ASFALTO, MAIS CARO

Os moradores do Jardim Brasil estão sendo chamados para assinar a concordância do asfalto. Preço incluindo a administração: Cr\$ 100,00 por m2. Enquanto isso, Alencar anuncia na tribuna da Câmara que o asfalto da estrada de Campo Limpo a Botujurú (asfalto mesmo, para receber trânsito pesado) foi orçado a Cr\$ 40,00 o m2.

BURACO FECHADO

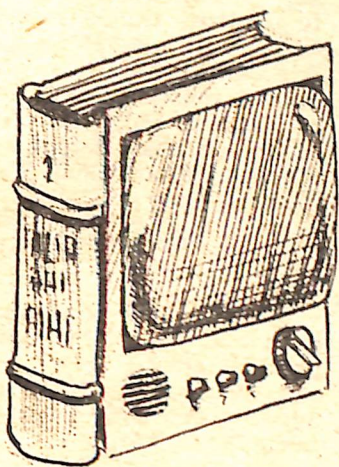


Já começou o torneio de buraco na Banda, por sinal, com muitos canastrões participando. Cada um pagando 100 pratas, que vão para a VI Feira da Amizade. Não se pode esperar que num torneio de buraco, fechado como esse, ocorram grandes erosões de ânimo. Ademais, Jundiaí é campeã nata de buraco já há bastante tempo.

SACUDINDO A POEIRA

Depois de ser exonerada "a pedido" (sem que tivesse pedido), a professora Silvia Tayar encaminhou, dias atrás, seu pedido de exoneração do cargo de diretora da Escola Superior de Educação Física de Jundiaí, que, por sinal, para ela, já estava bem esvaziado desde a nomeação do mestre Hélio José Maffia para a vice-direção. Curioso que entre aquele ato do prefeito e esta atitude de Silvia (capitulando ao desejo da máquina), até um novo vice-diretor foi designado (o professor Nelson Figueiredo Brito), tendo-se, nessa altura, já definido a ascensão de Maffia à direção do estabelecimento. Tai por que sempre detestei sair de férias. A volta a gente nunca sabe. (CFP)

RUY BARBOSA NA TEVÊ



"Gabriela, Cravo e Canela", "Senhora" e Chico Anísio. Programa de televisão? Não. São livros e autor, os únicos brasileiros, entre os 10 mais solicitados pelos frequentadores do Gabinete de Leitura "Ruy Barbosa", durante o mês de julho.

Televisão a serviço da cultura? Vice-versa? Ou coisa nenhuma? Fica a seu critério decidir.

A lista completa é esta: 1.o) Gabriela, Cravo e Canela (Jorge Amado), 2.o) Papillon (Henri Charrière), 3.o) Fã Club (Irving Wallace), 4.o) Assassinato no Expresso Oriente (Agatha Christie), 5.o) Arlequim (Morris West), 6.o) Arquipélago Gulgag (A. Soljenitsin), 7.o) Cães de Guerra (F. Forsyth), 8.o) Os Sete Minutos (Irving Wallace), 9.o) Senhora (José de Alencar), e 10.o) Teje Preso (Chico Anísio).

Esses livros, mais os 97 adquiridos no mesmo mês, somam 18.155 exemplares que constituem a biblioteca do Gabinete, que funciona de 2.a a sexta-feira, das 8 às 11 e das 13 às 17 horas; sábados e domingos, das 8 às 11.

ESPORTE É CULTURA

De repente, algum gênio descobriu que matemática e futebol têm muita coisa em comum.

A partir daí, tudo é matematicamente provado: se o Corinthians ganhar todas, se o São Paulo perder 3 e empatar duas, se o Palmeiras marcar 4 e tomar 5, se o Santos e o América...

E os jornais publicam isso e a televisão anuncia isso. E o povão, que não sabe nem conferir se o cheque do FGTS está certo, faz cálculos, faz cálculos... (E.M.)



FUMO É CULTURA. E VICE-VERSA

Você vê a embalagem e resolve experimentar o Marlboro fabricado no Brasil.

Tira a fitinha, joga fora o celofane, corta o selo, abre a caixinha e lê, no papel de prata ("que é de estanho"): Pull.

E sente uma vontade enorme de chamar-se Johnny, Billy, qualquer coisa assim. (E.M.)

QUALQUER COISA DA MAIOR IMPORTÂNCIA

Sê na sua estante ainda tem um lugarzinho (esprema o Emerson, Lake & Palmer, o Yes, que cabe), ponha ali o "Qualquer Coisa" de Caetano Veloso.

O moreno está ótimo, muito violão, arranjos tranquilos.

Mesmo que você não compreenda todas as faixas, existem algumas (Eleanor Rugby, For No One e outras) que dá pra entender tudo. (E.M.)

UM SONO EXTRAORDINÁRIO

Na madrugada do dia 5, em sessão extraordinária (Cr\$ 50,00), foram aprovados 2 projetos pela Câmara de Vereadores. Um era dinheiro para água e esgoto, outro para os subsídios dos vereadores. Ou será que foi um só? Nem me lembro, eu estava com tanto sono...

(E.M.)

DIGA NÃO À INFLAÇÃO

Em 8 de dezembro de 1974, no ano passado, estas foram as dez razões que levaram o nobre edil, líder do prefeito na Câmara tinha a votar contra os Cr\$ 120.000.000,00 (cento e vinte milhões de cruzeiros) aprovados naquela ocasião pela nossa Casa de Leis. Elio Zillo declarava: 1.o — A pressa do projeto, 2.o — Custos Altíssimos, 3.o — Falta de pareceres técnicos acompanhando o projeto, 4.o — o partido. A ARENA, 5.o — Falta de segurança para a liberação do empréstimo, 6.o — Demais problemas não resolvidos, 7.o — Ausência do cronograma de obras, 8.o — Diferença de

preços entre as concorrências, 9.o — e 10.o — Visível preocupação quanto aos juros exorbitantes e a capacidade de endividamento do Município, já bastante comprometida.

Na última quarta-feira, o mesmo vereador deixou de votar, ainda que ocupasse a tribuna para defender a necessidade dos empréstimos, considerados de absoluta urgência, mas totalmente desprovidos de esclarecimento técnicos, pareceres, seguranças, cronogramas, etc. etc.

— Mudei eu, ou o Natal mudou?

EDUARDO

MENTINDO A IDADE

O DAE está como uma conhecida minha, que garante, há cinco anos, ter 28 anos. Quando é que vão começar a contar os quinze dias, passados os quais a água vai começar a abundar? Porque há quinze dias que o DAE garante que essa abundância começará daqui a quinze dias. (A.M.)

QUEM DÁ O LUME?

A iluminação a vapor de mercúrio, em Jundiaí, foi um sucesso. Até banda no dia da inauguração. Porém, a sua manutenção ficou ao Deus dará. Com a escuridão em diversas ruas da cidade, tudo bem para os que ganham a vida com pé-de-cabra... Caso do viaduto Sperandio Pelligrini: de todas as luminárias lá existentes (tive a pachorra de contar) só sete estão acendendo — e isto já faz bastante tempo. (Adão Venerando)

AS MUITAS ARTES DE INOS CORRADIN

O crítico de artes M. Ayala, um dos mais exigentes "experts" em artes plásticas (o homem não gosta de mais do que 5 artistas nacionais) aplaudiu e prometeu divulgar os trabalhos do nosso gente-paca Inos Corradin.

Fiquei sabendo do fato enquanto saboreava um spaghetti à Carbonara, feito na hora pelo pintor. Aplaudi e prometi divulgar o macarrão: cada macaco no seu galho.

(E.M.)



O SPAGHETTI À CARBONARA, SEM MESTRE

Corte pedacinhos pequenos de toucinhos e frite em margarina, até ficar tudo muito douradinho.

Ao mesmo tempo, bote o spaghetti pra cozinhar até ficar "al dente" (meio durinho, pra cortar com o dente).

Escorra o spaghetti e, ainda quente, derrube-o sobre duas gemas cruas de ovo. Junte o toucinho e misture.

Sirva com queijo parmeizão, ralado na hora, em cima do prato.

Se não estiver gostoso talvez seja porque está faltando o Inos. (E.M.)

MUDEI EU, OU MUDOU O NATAL?

Quem viveu antes de 1963 deve estar lembrado: chegava o mês de agosto e havia um certo frenesi nos meios políticos. É que agosto trazia sempre uma novidade que abalava a vida da nação — basta ler os jornais da época. Hoje isso é passado, deixemos pra lá. Em todo caso, convém vacinar o seu cãozinho: agosto também é mês de cachorro louco. (E.M.)

ESTÁS SABENDO, AMIZADE?

Conversa de durante o almoço: — Tá sabendo quanto é que a Prefeitura conseguiu, em apenas três dias de máquinações junto à Câmara dos Vereadores? Quase 20 (vinte) milhões de dólares, ou 170 (cento e setenta) milhões de cruzeiros, meu chapa.

— Imagino. Em filme americano, o que eles se matam só por causa de meio milhão de dólares, não é batatinha! (E.S.F.)

Beto Cecchi continua

Fazer uma entrevista com o Beto Cecchi. Estava na cara. Com o IV Encontro de Artes em andamento e com o primeiro prêmio de Jundiá. Nada mais natural.

Minhas restrições, porém, eram de botação jornalística, da entrevista programada, coisa que, eu sei, o Beto não topa. Daí resolver tentar sozinho, sem nossos repórteres especializados. Mesmo porque sua visita frequente da casa.

Assim, imaginava que a coisa se tornasse informal. Mas não imaginava tanto. Foi só começar o papo e surge a Sônia com a Camilinha no colo com 39,8 graus de febre.

Novalgina, banhos, susto, telefonema pro Zé Carlos Pereira, pra mamãe, mais banho, até que, finalmente, 38 graus. E pudemos sen'ar de novo. Até mais informais.

P — Beto, que tal ser premiado no IV Encontro de Arte de Jundiá?

R — Desde que existe o conceito de prêmio especial para Jundiá, coisa discutível para mim, existia a chance de ganhar. Até porque foram poucos os selecionados. Mas é gesto receber um prêmio pelo trabalho que se está fazendo.

P — Há quanto tempo você está nas montanhas e vales?

R — Um ano e meio. É uma fase experimental. Não sei se vou continuar fazendo isto. Nada definitivo. Mas estou curtindo, me emociona.

P — Há dois anos você, mais a Mônica, a Laura e o Du estiveram na Bienal, no "Grupo Segurança", apresentando um trabalho. Como surgiu a idéia?

R — O Du participou da Pré-Bienal (Bienal Nacional) em 72. O tema apresentado por ele sugeriu o novo trabalho, com novo enfoque. Anti-arte no sentido de utilizar um tema como suporte, quase um pretexto para uma certa finalidade. Em cima disto construímos alguma coisa que contestava todos os conceitos que nós conhecíamos de arte.

Nada bonito, nada consumível. A coisa foi feita para conseguir um ápice. Conseguir algo que queríamos que acontecesse. Um caminho a percorrer, planejado para suportar

todas as contrariedades que iriam acontecer, com o intuito de chegar a um "happening". O significado — eu não gosto desta palavra em arte, mas vá lá — seria a própria destruição da arte-vedete. Tentar desmistificar.

— Este trabalho construiu base para novas atitudes no campo artístico.

— Já sei, você está querendo questionar o que estou fazendo com o trabalho da Bienal. Não, pra mim, particularmente, aquilo não foi produto final. Aquele caminho não tinha como intenção continuar nada.

P — Foi uma agressão à burguesia artística?

R — Também.

P — A atitude no trabalho da Bienal me pareceu racionalizada, planejada, diante da arte. A atual expressão sua também tem um suporte lógico?

R — Na medida que é coisa feita por gente. Mas é mais sensível que lógica.

P — Mesmo como comunicação dirigida?

R — Mesmo.

P — Nem algo como um protesto contra o espaço urbano, contra os problemas que a cidade lhe traz?

R — Você mesmo um dia definiu minhas coisas. Por escrito: "Recompor o espaço como se o homem não houvesse existido e numa atitude claramente propós: Vamos lá! Comecem de novo! Cuidado com suas possibilidades de intervenção! Não estraguem! Vejam com que estão mexendo!"

P — Não me lembro disto. Acho que estava bêbedo.

R — Estava.

P — Vamos falar da Cuca. Quando o por que começou a Cuca a funcionar como galeria?

R — A idéia de funcionar como galeria veio junto com a mudança de lugar. Como sempre estive ligado com arte, foi mais uma coisa que resolvi fazer.

P — Desde quando funciona?

R — Desde março deste ano.

P — Quem veio expor até agora?

R — Na abertura trouxemos a coleção do Laus, bem representativa da arte paulista, muito interessante de se ver. Em seguida Lothar Charoux. Depois a primeira experiência com artista de Jundiá — Athos Pimenta de Pádua. A última a de Guilherme Faria.

P — Comercialmente, como foi?

R — Em termos de Jundiá acho que foi bem, principalmente porque é um instante da Cuca como loja de modas. Só como galeria, não sei.

P — Você acha que as exposições da Cuca chegam a influenciar o mercado de artes de Jundiá?

R — Acho que sim. Cada exposição traz gente nova comprando.

P — E a influência sobre os artistas locais?

R — Eles têm ido. São poucos: o Athos, Fernanda, Mano, Nídia, João, o Inos, aqueles de sempre.

P — A Fernanda, com a preocupação de ensino, o que acha destas exposições como processo de contato dos jovens com a arte?

R — A primeira exposição programada para ensino foi a última, a do Guilherme de Faria. Estive com Fernanda, Regina Toledo e Jussara com seus alunos. Avaliação disto ainda não tenho.

P — E a programação futura?

R — Dias 23 e 27 de agosto, Walter Lewy. Em setembro, Renina Katz. Em outubro, José Tarcísio — primeiro prêmio do Encontro deste ano. Em novembro, não sei; conforme as coisas talvez seja a minha.

P — E as artes em Jundiá?

R — Como dizia o Jacobo, na casa do Du, outro dia: "você reclamavam que Jundiá não tem nada. Ora, tem 26 diretores de jornal, 2 salões de arte, Academia Feminina de Letras, Associação de Artistas Plásticos, Teatros Estudantis e outros bichos. Pra que mais?"

Eu acho muita pretensão que, de um dia para outro, Jundiá vire um



Beto, no Encontro, com outros artistas

centro cultural. Acho que o que está aí é simplesmente um processo.

P — Até o Encontro de Arte?

R — Até o Encontro de Arte. Não acho que ele seja uma apoteose de cultura em termos de arte plástica. Essa estrutura do salão de arte, premiadinhos... Acho que é hora já de se fazer outras coisas. Talvez a experiência da "Documenta" como ponto de partida.

P — Lembrando de novo a Fernanda, como base para ensino de arte você acha válido o Encontro?

R — Sim. Na mesma proporção que o salão de Campo Limpo e das exposições da Cuca.

P — Deveria haver maior preocupação neste sentido?

R — No último encontro houve uma preocupação maior, uma programação mais específica para isto.

P — Não seria esta a intenção da conferência do Pontual?

R — Sim. Deveria, inclusive, ser na Festa da Uva, no Encontro de Arte. Parece que problemas técnicos não permitiram.

P — E que tal o Pontual?

R — Pra mim, muito bom. Envolveu algumas idéias que eu já tinha, en-

riquecendo-as com coisas novas sensacionais. Um cara brilhante.

P — Sabe se vai haver mais programação deste tipo?

R — Amanhã (6.a-feira passada) haverá uma com o Laus. Esta será no Encontro.

P — Sabe o tema?

R — Se não me engano é "Harry Laus responde". Agora se ninguém perguntar nada, não sei o que vai ser.

P — Ninguém daqui foi convidado para conferências?

R — Que eu saiba não.

P — Acha que há gente para isto?

R — Acho que sim. A Fernanda está no ponto para isto. Principalmente para a meninada, sua grande paixão.

P — E um bate-papo com o Inos — já que o italiano detesta conferência?

R — Da experiência, da vida profissional de pintor, Inos tem muita coisa a contar, com sua sensibilidade.

P — Falando nisto, que tal as últimas coisas do Inos?

R — Muito boas, bacanas. Principalmente as paisagens. A gente sente que é um cara que domina perfeitamente aquilo que faz.

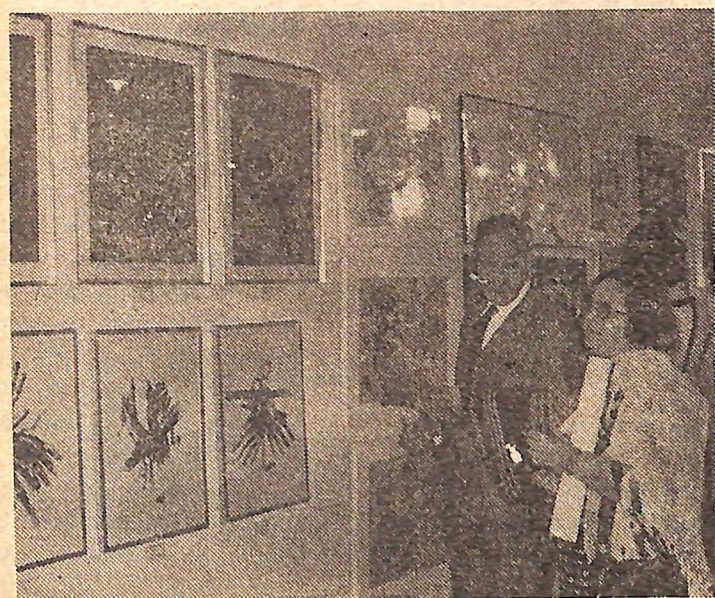
Araken Martinho

IV Encontro: Pontual no museu

Os organizadores do IV Encontro de Arte, trouxeram até nós, na noite de quarta-feira última, o renomado crítico de arte Roberto Gonçalves Pontual, que proferiu uma boa palestra no salão nobre da Biblioteca Municipal. Local apropriado para receber, com as

honras devidas, um crítico de alto gabarito, como é o caso de Pontual, porém, não pôde corresponder como espaço para abrigar o público interessado. Pontual fez uma retrospectiva dos movimentos artísticos, desde o impressionismo até o momento assim

chamado de pós-modernismo. A sua palestra cegrou a todos, apesar da ressalva relativa à insuficiência de espaço. Melhor que os próximos debates se façam no próprio Parque Municipal, aproveitando-se o cenário e o espaço da própria exposição.



Também o encontro, parte do processo